

LUCIANA RUEDA SOARES

**A CONFIGURAÇÃO DAS PERSONAGENS EM
MADONA DOS PÁRAMOS, DE RICARDO
GUILHERME DICKE**

**TRÊS LAGOAS/MS
AGOSTO/2011**

LUCIANA RUEDA SOARES

**A CONFIGURAÇÃO DAS PERSONAGENS EM
MADONA DOS PÁRAMOS, DE RICARDO
GUILHERME DICKE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Literários) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kelcilene
Grácia-Rodrigues.**

TRÊS LAGOAS/MS
AGOSTO/2011

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sua bênção infinita esteve em mim todo o tempo durante o desenvolvimento deste trabalho, mesmo que por vezes não a pudesse reconhecer.

Também a Ricardo Guilherme Dicke, por não desistir da arte literária, embora muitas vezes não tenha recebido a atenção merecida do público em geral.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada ...

Kelcilene (a orientadora)...

Eliana (a incentivadora)...

Lorenzo (o colaborador)...

Francisco (o gentil)...

Aurélio (o esposo)...

RESUMO

SOARES, Luciana Rueda. A configuração das personagens em *Madona dos Páramos*, de Ricardo Guilherme Dicke, Três Lagoas, 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado, Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS.

Esta dissertação tem como objetivo analisar a configuração das personagens no romance *Madona dos Páramos*, de Ricardo Guilherme Dicke. Verificamos de que forma a questão do mal se manifesta nas ações das personagens do livro do escritor mato-grossense. Como aporte teórico, utilizamos as reflexões de Paul Ricoeur, expostas na obra *O mal: um desafio à filosofia e à teologia* (1988) e no artigo “Le scandale du mal” (1986). Para tanto, a presente dissertação compõe-se de dois capítulos: o primeiro aborda a trajetória de Ricardo Guilherme Dicke; o segundo descreve o perfil das personagens e aborda questões específicas sobre o mal segundo Ricoeur, o categorizando em dois grupos: o *mal cometido* e o *mal sofrido*.

Palavras-chave: Ficção brasileira contemporânea; Literatura mato-grossense; Discurso da narrativa; *mal cometido* x *mal sofrido*.

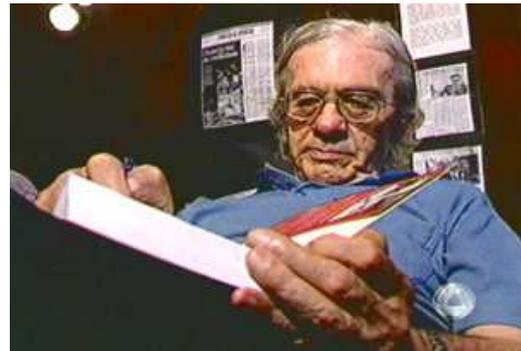
ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the configuration of the characters in the novel "Madona dos Parâmos" by Ricardo Guilherme Dicke. We check how the evil argument is manifested in the characters' actions in the book of Mato Grosso's writer. As a theoretical contribution, we use Paul Ricoeur's reflections, exposed in *The evil work: a challenge to philosophy and theology* (1988) and in the article "Le scandale du mal" (1988). To this end, the present dissertation consists in two chapters: the first covers Ricardo Guilherme Dicke's story; the second describes the characters's profile and approaches specific issues about the evil according to Ricoeur that is categorized into two groups: the evil done and the evil suffered.

Key Words: Contemporary Brazilian fiction; Literature of Mato Grosso, Discourse of narrative, the *evil done x evil suffered*



Fonte: OVERMUNDO (2006)



Fonte: RMTONLINE (2008)



Fonte: LETRASLVAGEM (2010)



Fonte: AMÉRICA (2008)

SUMÁRIO

Introdução	9
1 – Ricardo Guilherme Dicke: vida e obra	13
1.1 – Vida	15
1.2 – Obra	20
1.2.1 - <i>Deus de Caim</i> (1968)	21
1.2.2 - <i>Caieira</i> (1978)	21
1.2.3 - <i>Madona dos Páramos</i> (1982)	22
1.2.4 - <i>Último horizonte</i> (1988)	22
1.2.5 - <i>A chave do abismo</i> (1989)	22
1.2.6 - <i>Cerimônias do esquecimento</i> (1995)	23
1.2.7 - <i>Conjunctio Oppositorum no Grande Sertão</i> (1999)	23
1.2.8 - <i>Rio abaixo dos vaqueiros</i> (2000)	24
1.2.9 - <i>O salário dos poetas</i> (2001)	24
1.2.10 - <i>Toada do esquecido & Sinfonia Eqüestre</i> (2006)	24
1.3 – Algumas considerações da bibliografia sobre Ricardo Guilherme Dicke	25
2 – A configuração das personagens	30
2.1 – O perfil das personagens	37
2.2 – As personagens e o mal	55
Considerações finais.....	63
Referências	66
ANEXOS	
Anexo A – Capa do livro <i>Madona dos Páramos</i> (1982)	72
Anexo B – Cópia documento distribuído na exposição <i>Ricardo Guilherme Dicke, Pintor: A outra face do escritor</i>	73
Anexo C – Capa do DVD <i>Cerimônias do Esquecimento</i> produzido por Eduardo Ferreira e Rodrigo Piovezan	98
APÊNDICES	
Apêndice A – Entrevista concedida pelo jornalista Lorenzo de Jesus Miranda Falcão a Luciana Rueda Soares	100
Apêndice B – Entrevista virtual concedida pelo professor Doutor Francisco José de Jesus Topa a Luciana Rueda Soares	103
Apêndice C – Quadro Sinótico dos livros publicados por Ricardo Guilherme Dicke	107
Apêndice D – Quadro Sinótico das Teses, Dissertações, Artigos (em capítulos de livros) e Capítulos de livros sobre Ricardo Guilherme Dicke.....	108
Apêndice E – Lista de endereços eletrônicos que mencionam Ricardo Guilherme Dicke	110

INTRODUÇÃO

Ricardo Guilherme Dicke é um escritor que constrói períodos complexos nos quais reflexões e comportamentos universais, expressos por meio das personagens, representam os homens do sertão. A leitura dos textos do escritor nem sempre é muito fácil, pois ele forma verdadeiros mosaicos para levar-nos a enveredar pelo sertão e conhecer suas personagens e suas histórias. Hilda Gomes Dutra Magalhães afirma que:

Uma das características mais singulares da obra de Ricardo Guilherme Dicke é, sem dúvida, a sua capacidade de entabular, numa linguagem densa e em tramas fortes, temas caríssimos à literatura ligados ao misticismo, à filosofia e à fragilidade humana. (MAGALHÃES, 2001, p. 206)

Assim, o autor escreve com a intenção de inovar e de criar formas de expressar a arte literária utilizando uma estética que chame a atenção pela originalidade da escrita. Outra marca de sua poética é elaborar textos em que a existência do mal nas atitudes reflexivas de suas personagens seja discutida e que tomem dimensões que ultrapassem os parâmetros religiosos, éticos ou morais, sob os quais o homem é educado, e que são os identificadores de uma sociedade que se considera civilizada.

Em decorrência do exposto, este trabalho tem como objetivo demonstrar como se configuram as personagens na produção literária *Madona dos Páramos* (1982), de Ricardo Guilherme Dicke, e de que forma a dialética sobre o mal se apresenta nelas por meio de suas atitudes e das suas histórias “trágicas” de vida. Diante disso, a pesquisa responde, inicialmente, aos seguintes questionamentos:

- Quem foi Ricardo Guilherme Dicke?
- Qual foi sua trajetória como artista?
- Como são construídas as personagens em *Madona dos Páramos*?
- De que forma o mal é representado no percurso narrativo do texto dickeano em *Madona dos Páramos*?

Para responder às questões acima, a presente dissertação é dividida em dois capítulos. No primeiro, “Ricardo Guilherme Dicke: Vida e obra”, apresentamos o escritor Ricardo Guilherme Dicke. Para isso, utilizamos como

suporte informações disponíveis nos livros que tratam da história da literatura mato-grossense, nos trabalhos acadêmicos e artigos sobre o autor, na mídia eletrônica e na entrevista que realizamos, via e-mail, com Lorenzo de Jesus Miranda Falcão, amigo de Dicke.¹

Essa investigação foi minuciosa e demorada, porque tivemos que contar com a disponibilidade das pessoas envolvidas na vida pessoal e artística do escritor, com suas emoções, o que nem sempre as pessoas querem expor para desconhecidos, mesmo que seja para realizar uma pesquisa acadêmica.

Não se trata de capítulo que faça um levantamento da fortuna crítica de Ricardo Guilherme Dicke. Apenas traça um panorama geral sobre o escritor para que se possa conhecer um pouco mais de seus textos literários e jornalísticos, e também ver, de forma breve, o que ele criou quando enveredou pelas artes plásticas.

No segundo capítulo, “A configuração das personagens”, dividido em duas seções, traçamos um perfil das personagens que compõem o romance e mostramos como o mal se manifesta no comportamento delas e de que forma isso acontece no transcorrer da diegese.

Na primeira seção, “O perfil das personagens”, apontamos os estudos teóricos de Forster (1969) e de Antonio Candido (1970) como aporte de nossa análise. Valemo-nos, também, de pesquisas que versam sobre a categoria da personagem, como Reis e Lopes (1988) e Massaud Moisés (1995). Esclarecemos que, nesta parte, o foco principal é descrever as personagens que constituem o centro das atenções em *Madona dos Páramos*.

Na segunda seção, “As personagens e o mal”, para tratar da configuração do mal, utilizamos as reflexões de Paul Ricoeur expostas no artigo “Le scandale du mal” (1986) e na obra *O mal: um desafio à filosofia e à teologia* (1988). Com base na tipificação do mal feita por Ricoeur – o *mal cometido* e o *mal sofrido* – criamos quadros sinóticos para esclarecer situações em que o mal se manifesta e se desenvolve no comportamento das personagens de *Madona dos Páramos*.

Assim, vale ressaltar que este trabalho se propõe a apenas alguns registros a respeito de Ricardo Guilherme Dicke. Nos próximos anos, ainda

¹ Disponibilizamos a entrevista com Lorenzo de Jesus Miranda Falcão no Apêndice A da dissertação, conforme p. 98.

haverá muito que se estudar sobre o escritor e sua produção artística. A crítica acadêmica especializada em literatura terá muito o que refletir utilizando as obras deixadas pelo escritor mato-grossense.

1 – Ricardo Guilherme Dicke: vida e obra

O percurso que se fez para a elaboração e execução desse capítulo, e também da dissertação, sobre Dicke foram áridos em razão de:

1. São raros são os materiais sobre historiografia e crítica literárias sobre o escritor;
2. É muito difícil adquirir os livros de Dicke em livrarias ou sebos. Segundo informações dos vendedores e de pessoas que o conheceram, a maioria de suas obras está com as edições esgotadas;
3. São poucos os estudos acadêmicos voltados para a produção de Ricardo Guilherme Dicke. Encontramos cinco dissertações e uma tese, sendo que dois trabalhos não estão disponibilizados no acervo digital aberto ao público;
4. Grande parte do material que versa sobre o autor é apenas informativo, encontrado em publicações *on-line*, blogs e sites;
5. Conversar com os pesquisadores do grupo de estudo que leva seu nome – Grupo RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (CNPq/IL/UFMT) – foi praticamente impossível, apesar de que quando se apresentam em eventos acadêmicos mostram-se acessíveis e amáveis; infelizmente certo egoísmo acadêmico ainda prevalece entre os que deveriam ser os grandes.

Diante de tantas dificuldades, o presente capítulo realiza uma apresentação sobre a vida e a obra de Ricardo Guilherme Dicke, assim como estudos acadêmicos e textos disponíveis sobre o escritor mato-grossense.

1.1 – Vida

Filho de João Henrique Dicke, um alemão da cidade de Wechta, localizada na fronteira com a Holanda, que fugira da Segunda Guerra para o Paraguai, e de Carolina Ferreira do Nascimento Dicke, descendente dos garimpeiros de Caxipó do Ouro perto de Cuiabá, Ricardo Guilherme Dicke nasceu em uma vila chamada Raizama, localizada na Chapada dos Guimarães, no Estado de Mato Grosso, em 16 de outubro de 1936.

Iniciou o estudo das primeiras letras em Cuiabá quando tinha cerca de cinco anos. Terminou o primário em um colégio de padres franciscanos alemães na Chapada dos Guimarães, provavelmente por escolha do pai. Posteriormente, foi interno durante cinco anos na escola Liceu São Gonçalo, em Cuiabá, administrada por padres salesianos italianos. Nesse colégio, tornou-se fluente em latim e grego, concluiu o ginásio. Foi leitor cativo da bíblia e dos clássicos que compunham a biblioteca de seu pai. Como os textos eram escritos em outras línguas foi forçado a aprender o alemão, o francês e o inglês. Terminou seus estudos secundários em Cuiabá.

Aos 36 anos, já casado com Adélia Boscov, fez o bacharelado e a licenciatura em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Concluiu sua especialização apresentando os trabalhos “Heidegger e o Problema do Absoluto” e “Fenomenologia, de Merleau Ponty”. Frequentou, ainda, a Escola Superior de Museologia. Estudou Cinema no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Trabalhou como professor, tradutor e jornalista em diversos jornais de circulação do Rio de Janeiro e de Cuiabá, sendo revisor de textos e *copy-desk* em várias editoras.

Com a publicação de *Caieira*, em 1978, Ricardo Guilherme Dicke ganhou o prêmio Remington, assim como recebeu elogios de Glauber Rocha, em um programa de TV, referindo-se a obra como sendo uma leitura obrigatória. João Ximenes Braga (2008), ao realizar uma entrevista com Dicke, informa-o que Hilda Hilst, ao ser inquirida sobre o posicionamento do não reconhecimento de sua obra, diz que sabe que é um desses escritores entre

tantos, como, por exemplo, o “[...] Guilherme Dicke, que praticamente não é conhecido, também é um gigante”.

Após alguns anos vivendo nos grandes centros de nosso país, voltou a Cuiabá. Lá, foi professor, jornalista e pintor. Questionado sobre sua volta às origens, pelo jornalista Jotabê Medeiros² em 2006, o escritor fez a seguinte observação: “A época de Albert Camus e de Jean-Paul Sartre acabou. Creio que a filosofia só serve mesmo é para filosofar.” Em entrevista concedida a Jotabê Medeiros, citada na página on-line do jornalista Enock Cavalcante³, Dicke, novamente, afirma que “Lugar mais adequado para escrever, é o quartinho que tenho nos fundos da minha casa”.

Em 2004, a Assembléia Legislativa de Mato Grosso (ALMT) apresentou um projeto de lei que instituiu o Dia Estadual de Valorização da Língua Portuguesa, comemorado todos os anos no dia 16 de outubro, data de nascimento do escritor. Neste dia, realizam-se seminários, debates, concursos, campanhas e outras atividades que tenham como objetivo estimular a participação da sociedade no incentivo ao estudo, à leitura e à difusão da língua e da literatura. Esta lei possibilitou a criação do Concurso Literário “Ricardo Guilherme Dicke”, realizado no mesmo dia em que se comemora o nascimento do escritor. É uma oportunidade para o surgimento de novos escritores.

Quando a Universidade Federal de Mato Grosso completou seu 34^o aniversário, o Conselho Universitário (CONSUNI) outorgou a Ricardo Guilherme Dicke o título de *Doutor Honoris Causa*. Segundo reportagem publicada no site Universia, em 13 de dezembro de 2004⁴, a professora Teresa Cristina Cardoso Higa (membro do CONSUNI e Diretora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFMT) diz que: “[...] a proposta partiu do reitor Paulo Speller⁵, que a decisão de outorgar o título foi unânime e representa o

² Informação disponível em:

< <http://medeirosjotabe.blogspot.com/2008/07/adeus-obrigado-dicke.html>>. Acesso em 29 jul. 2010.

³ Informação disponível em:

< <http://paginadoenock.com.br/home/post/629>>. Acesso em: 29 jul. 2010.

⁴ Informação disponível em:

<http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_dentrodocampus_bgjja.html>. Acesso em: 21 mar. 2009.

⁵ O discurso de Paulo Speller que concede o título de Doutor Honoris Causa está disponível em: < <http://www.ufmt.br/institucional/reitoria/palavradoreitor/101220041.htm>>. Acesso em: 14 maio 2009.

reconhecimento por parte da Universidade do talento de um ficcionista, que se caracteriza pelo requinte na arte de escrever e pela profundidade na abordagem dos temas”. Na mesma, o escritor recebeu da Assembléia Legislativa de Mato Grosso uma Moção de Aplauso pelo título que lhe foi concedido pelo CONSUNI/UFMT.

Em 2006, na LITERAMÉRICA – Feira Sul-Americana do Livro de Mato Grosso – foi lançado o romance *Toada do esquecido & Sinfonia Eqüestre*, em que, novamente, Dicke foi o centro das atenções, principalmente por trazer uma inovação. Ao invés de narrativas reflexivas, o livro trazia dois contos em que prevalecem a ação e o movimento expressando o dinamismo da sociedade contemporânea.

Ricardo Guilherme Dicke impulsionado pela amiga Ignês Costa Correia embrenhou-se pelas artes plásticas pendendo para a pintura e para o desenho. Em 1965, fez a sua primeira exposição de quadros – todos vendidos na ocasião – no Grande Hotel na cidade do Rio de Janeiro. Em 1966, participou do XV Salão de Arte Moderna. Teve como mestres, entre os anos de 1967 a 1971, Frank Scheffer, Ivan Serpa e Iberê Camargo. Fez exposições em Cuiabá e no Rio de Janeiro. Exerceu a atividade de pintor paralelamente à de escritor até a sua morte. Atualmente, o acervo de suas obras está sob a tutela de sua esposa, Adélia Boscov Bicke, e guardada na residência da família em Cuiabá/MT.

Sobre Dicke pintor, Lorenzo Falcão comenta que:

Começou a pintar quando já tinha mais de 25 anos, numa época em que não era comum a expressão multiartista, palavra que lhe cabe tão bem. E quanto mais adentrado e conhecedor do reino das artes for o apreciador do talento desse artista melhor. Poderá essa pessoa apreender mais e mais das entrelinhas engendradas na arte de Ricardo. (FALCÃO, 2006, p. 8)

Jean Campos (2006), assessor de imprensa do site da Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, informa que a Mostra de quadros de Dicke, intitulada *Ricardo Guilherme Dicke: Pintor*, teve como curador o artista plástico

Gervane de Paula, que selecionou 30 obras de arte produzidas por Dicke entre 1940 e 1980⁶.

Em dezembro de 2005, Dicke fez sua primeira viagem à Europa. Neste ano, o ficcionista foi contemplado, pela Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, com a reedição do romance *Deus de Caim* (1968), conforme se constata na reportagem divulgada no site da Secretaria no dia 06/12/2005⁷. Depois de tantos anos fora da mídia, um turbilhão de novos acontecimentos relacionados ao escritor culminou, em 2005, quando os romances *Rio abaixo dos vaqueiros* (2000) e *O salário dos poetas* (2001) obtiveram o reconhecimento junto ao público da França e de Portugal. A obra *O salário dos poetas* foi adaptada e encenada pelo grupo teatral, de resistência cultural e de linguagem experimental, *O Bando*, de Portugal, comandado pelo diretor João Brites.

Vejamos o trecho retirado do informativo *on-line* publicado no *Blog Overmundo* divulgando a apresentação da adaptação do livro *O salário dos poetas* para o teatro:

Salário dos Poetas é uma co-produção que comemora 13 anos de intercâmbio ininterrupto entre a Cia D'Artes do Brasil e o Teatro O Bando de Portugal, cujo diretor é o português João Brites, que esteve em Cuiabá, em 2005, ministrando oficinas de teatro. Ambos os diretores, juntaram forças em torno do livro de Dicke, para, cada um à sua maneira, desvendar e descobrir uma dramaturgia própria que aglutinasse em hora e meia o turbilhão de emoções que o livro de Dicke enseja. (TANGARÁ, 2007)

No *Blog Overmundo*, o jornalista Eduardo Ferreira publicou um artigo, intitulado “Mato Grosso em Terras Lusitanas”⁸ que comenta sobre as aventuras de Dicke na Europa. O trecho a seguir pode dar uma ideia do que significou para Dicke essa nova faceta de seus textos:

⁶ CAMPOS, Jean. Exposição de quadros de Ricardo Dicke será aberta hoje ao público. Publicado em: 10 nov. 2006. Disponível em: <www.cultura.mt.gov.br>. Acesso em: 05 abr. 2009.

⁷ Informação disponível em: <www.cultura.mt.gov.br>. Acesso em: 05 abr. 2009.

⁸ O texto completo está disponível em <<http://www.overmundo.com.br/overblog/mato-grosso-em-terras-lusitanas>> acesso em: 28 out. 2010.

Conversei com Ricardo e ele disse, ainda chocado com sua primeira viagem a Portugal e França - estava curtindo ainda o êxtase pelo deslumbramento que Paris lhe provocou - que "a estréia da peça foi um sucesso, muito aplaudida mesmo, pelo teatro lotado, em Palmela". (FERREIRA, 2006)

Em 2004, o Ministério da Cultura, pela Secretaria do Audiovisual, lançou edital, intitulado "Brasil Imaginário", de fomento para incentivo de produção de documentários brasileiros voltados para temática regional focando os retratos dos valores e da cultura do povo, como se observa no fragmento abaixo:

A primeira série do projeto chamou-se "Brasil Imaginário" e financiou e apoiou 26 documentários, versando sobre a multiplicidade de expressões da cultura regional. Ao longo de um ano, e com o apoio da Associação Brasileira de Documentaristas, produtores e tevês públicas organizaram pólos regionais de produção em 20 estados brasileiros para selecionar, através de concursos públicos estaduais, os projetos de documentários realizados para o DOC TV. Os documentários se desenvolveram a partir de um amplo exercício de co-produção, que envolveu a parceria dos canais públicos com empresas produtoras e realizadores independentes, movimentando o setor audiovisual nos estados participantes. Os documentários foram exibidos para todo o país pela TV Cultura. (FERREIRA, 2007, p. 1)

Eduardo Ferreira e Rodrigo Piovezan elaboraram um projeto de documentário sobre Ricardo Guilherme Dicke, tendo como *corpus* a obra *Cerimônia do esquecimento*. O projeto, depois de um processo de seleção, recebeu financiamento para ser produzido. Além disso, os produtores ganharam o prêmio de melhor documentário dos 26 aprovados.

O documentário⁹ conta com a participação de Ricardo Guilherme Dicke, de Adélia Boskov Dicke, de Lorenzo Falcão, jornalista e editor chefe do DOC Ilustrado do *Diário de Cuiabá*, e de vários pesquisadores da obra do escritor, entre eles Mário César Leite, Franceli Aparecida da Silva Mello e Maurília Valderez Lucas do Amaral.

O documentário mostra um Ricardo Guilherme Dicke envelhecido e um pouco adoentado. Dicke ao falar sobre o romance *Madona dos Páramos* possibilita ao espectador o entendimento da profundidade das personagens do livro e a complexidade das reflexões que elas esboçam no desenrolar da trama a partir da trajetória de um grupo de homens buscando uma vida melhor.

⁹ A capa do documentário está disponível no anexo C deste trabalho, conforme página 96.

Dessa forma, a obra de Dicke perde o caráter regional e atinge a universalidade. Na contracapa do DVD do documentário encontramos o seguinte texto:

“Cerimônias do Esquecimento”, o documentário, parte do romance homônimo, misturando elementos ficcionais extraídos da obra de Dicke com depoimentos de estudiosos mato-grossenses, propondo um mergulho em sua literatura e uma reflexão a cerca de seu progressivo desencontro com o público e o mercado empresarial. (DOC TV/2004¹⁰)

O falecimento de Ricardo Guilherme Dicke ocorreu em 09 de julho de 2008, em Cuiabá/MT, devido a uma parada cardiovascular, aos 72 anos.

1.2 – Obra

Sol escaldante, poeira cobrindo os olhos, rastro de bicho e de carro, homens rudes e cansados da lida dura e diária. É esse contexto que encontramos nas narrativas construídas por Ricardo Guilherme Dicke. Tal qual um artesão que molda seus textos pouco a pouco, forjando-os no calor e energia da elite cultural em que conviveu no grande centro e no sertão, o escritor faz-se homem de múltiplas facetas, mostrando-se prático e versátil em uma sociedade em que os avanços tecnológicos floresciam em nosso país e em uma época em que era difícil escrever, porque a sombra dos grandes modernistas da terceira geração pairava sobre quem tentasse mostrar alguma expressão artística.

Ricardo Guilherme Dicke surgiu no meio literário, em 1968, já no Rio de Janeiro, quando recebeu o Prêmio Walmap¹¹, embora tenha ficado em quarto lugar no concurso, com o livro *Deus de Caim*, publicado, em 1968, pela Editora Edinova. Na banca de jurados, estavam presentes João Guimarães Rosa, Jorge Amado e Antônio Olinto.

Dicke publicou onze livros, que descrevemos abaixo:

¹⁰ Trecho retirado da contracapa do DVD Cerimônias do esquecimento produzido para o DOC TV, com incentivo da Secretaria do Audiovisual e ministério da Cultura em 2004.

¹¹ O Prêmio Walmap foi criado em 1964, pelo banqueiro José Luiz de Magalhães Lins e pelo escritor Antonio Olinto, para incentivar a divulgação de obras literárias. Na época, era considerado o mais importante do Brasil.

1.2.1 – *Deus de Caim* (1968)

A narrativa mostra a trajetória de uma família que vive em meio a um conflito entre duas realidades, a vida no campo e na cidade, nas quais prevalece a divisão de classe social entre pobres e ricos. A vida na cidade se apresenta como palco em que a promiscuidade e a deturpação dos valores morais são aspectos do cotidiano das pessoas. Os moradores da cidade têm contato direto e frequente com a cultura modernizadora da Europa enquanto que os do campo se mantêm afastados dela. Os habitantes da cidade revelam um cotidiano repleto de orgias, incestos, corrupções de toda a ordem. O interior também apresenta problemas, mas não da mesma ordem. Os irmãos gêmeos Jônatas e Lázaro são os protagonistas dessa trama. E tal qual a referência bíblica que dá título ao romance, Jônatas trai e engana o irmão Lázaro.

1.2.2 – *Caieira* (1978)

Esta narrativa dickeana é construída em torno de personagens que vivem em um ambiente em que a realidade dura dos trabalhadores da mina entra em conflito com uma cultura modernizadora representada pela vinda de um empresário americano e pelas notícias que recebem pelos meios de comunicação. Os países estrangeiros são vistos como mundos muito distantes e irrealistas para os trabalhadores de Caieira. O acesso à informação e o total isolamento no lugar em que vivem contribuem para isso. O texto apresenta tanto os aspectos negativos quanto positivos que a presença dos emigrantes representa para uma região que está sofrendo o processo de expansão e exploração, concomitantemente. O texto também apresenta uma visão negativa do forasteiro que chega até ao sertão não com o objetivo de proporcionar crescimento para a região, mas sim visa apenas o acúmulo de capital.

1.2.3 – *Madona dos Páramos* (1982)

A história narra a trajetória de um bando composto, em uma maioria, por foragidos da justiça, que parte em busca de uma terra prometida, denominada Figueira-Mãe. Guiados por um profeta e um líder cruel, esperam chegar sem demora até essa terra, onde imaginam que não há desigualdade ou preconceito. Essa terra idealizada por eles fica no interior do sertão, que, aparentemente, ainda está a salvo dos problemas e das corrupções da civilização urbana. Em uma das ações criminosas do grupo, Urutu sequestra uma mulher que é nomeada pelo bando de Moça sem nome – cuja presença serve como instrumento de tormentos e desperta os desejos sexuais daqueles homens que se encontram isolados de qualquer tipo de afeto e ao mesmo tempo impossibilitados de realizá-los. A travessia pelo sertão proporciona aos foragidos o momento ideal para refletir sobre a vida que levam e sobre os pecados de cada um.

1.2.4 – *Último horizonte* (1988)

O cenário inicial desta narrativa é uma longa noite de silêncio e meditação de um poeta que reflete sobre a escuridão que há dentro de si. Ele pensa e pondera com personagens presentes ou existentes só na sua memória. Este livro coloca como personagem central um poeta em conflito com a obscuridade e degradação que o cerca. O poeta dorme e depois desperta, para uma restauração da alma, para a abertura da nova compreensão de tudo mesmo que esta leve à desorientação. O homem desse romance é o mesmo de todos os tempos e espaços que se lançam num desdobrar da própria importância. Os diálogos entre Jerombal e a moça Kabira deixam entrever a verdade escondida no interior dos corações humanos.

1.2.5 – *A chave do abismo* (1989)

Embora saibamos da publicação desse livro pela Fundação Cultural de Cuiabá não foi possível lê-lo, porque não há edição disponível para compra ou empréstimo. Alguns estudos acadêmicos sobre o autor mencionam a obra, mas

sem maiores detalhes. Apenas no final do livro *Conjunctio Oppositorum no Grande Sertão* (1999) é que encontramos informação sobre *A chave do abismo* dizendo que é uma coletânea de poemas em que Ricardo Guilherme Dicke procurou expressar a transcendência e o sagrado das coisas santas. Destaca, também, que é um livro de cunho existencialista-religioso, que tem como enfoque principal a ordem religiosa na vida e no mundo.

Segundo depoimento de Lorenzo Falcão especialmente para esta pesquisa – jornalista e amigo do escritor –, esse foi o único livro de poesia do escritor e que foi editado com recursos próprios. O jornalista afirma que não concorda com algumas coisas que estão publicadas sobre a temática das poesias dickeanas, porque observa na poesia do mato-grossense a presença do cotidiano e de uma linguagem simples, sem a erudição tão presente na prosa.

1.2.6 – *Cerimônias do esquecimento* (1995)

O texto aborda a consequência do progresso nas relações humanas. O elemento modernizador, aquele que modifica a realidade para algo decadente ou se mostra como grande ameaça à sobrevivência da cultura local, é a grande mola propulsora do romance. Como outros romances de Dicke, esse também valoriza o regional e local, atacando a cultura estrangeira, denunciando seus desvios e a decadência que esta relação trouxe à comunidade. A trama defende a cultura e o valor dos indivíduos marginalizados pelas sociedades modernas. Em 2005, o romance foi adaptado para uma peça teatral encenada pelo grupo *O bando*, de Portugal.

1.2.7 – *Conjunctio Oppositorum no Grande Sertão* (1999)

Pesquisa de mestrado desenvolvida por Dicke na qual verifica a questão religiosa no romance *Grande Sertão: Veredas*(1956), de João Guimarães Rosa. Para tanto, aborda dois aspectos: Deus/Diabo e Homem/ Mulher.

1.2.8 – *Rio abaixo dos vaqueiros* (2000)

Apesar de ter sido adaptado para o teatro, sendo a peça encenada na Europa, não tivemos acesso ao livro – porque não há edição disponível para compra ou empréstimo – o que impossibilitou uma apresentação dele. Não localizamos, também, referência à obra nos estudos acadêmicos.

Em contato por e-mail, Lorenzo Falcão informa que o romance tem uma narrativa densa, metafísica, tendo como personagem central um homenzarrão muito mal que tinha um harém. Essa personagem é assassinada, mas antes de ser morte empreende uma caçada ferrenha a um peão que rouba uma de suas mulheres. A história é ambientada no meio rural e a região descrita é bastante semelhante com o entorno de Cuiabá

1.2.9 – *O salário dos poetas* (2001)

Neste romance, o ex-ditador de um país fictício, o Chileraguay, situado em algum lugar da América do Sul, se refugia numa região denominada Portos de Cabras (Brasil). O general sofre um atentado e passa toda a trama refletindo sobre suas ações passadas, sofrendo pelo medo da morte e pela insegurança que traz a falta de perspectiva para o futuro. O texto evidencia, ao longo da narrativa, a situação de vários países da América Latina, que já sofreram com o autoritarismo, com a citação de nomes de romances e autores latino-americanos que têm como personagem principal a figura do ditador. A trama traz a divisão das personagens em dois grupos: o primeiro é formado por marginais, pobres moradores e trabalhadores dos Portos de Cabras, e o segundo, o da elite, acompanha o general. O padecimento deste se dá pela mão dos pobres, como uma vingança pelo tempo de opressão e pelas injustiças cometidas durante o governo em seu país.

1.2.10 – *Toada do esquecido & Sinfonia Equestre* (2006)

Este livro difere dos demais escritos pelo autor quanto à forma de abordagem do problema do homem sertanejo, suas lutas diárias pela sobrevivência, seus anseios de perpetuar-se e de não fazer mais parte dos

excluídos da sociedade. O livro é composto por dois contos “Toada do Esquecido” e “Sinfonia Equestre”. O conto “Toada do Esquecido” apresenta personagens extravagantes que estão em uma fuga alucinada, cometendo atos que deixam qualquer um perplexo frente a tantas atitudes insanas.

O segundo conto, “Sinfonia Equestre”, mostra o olhar filosófico do escritor sobre as atitudes humanas, os laços consangüíneos entre pais e filhos e o valor da terra, não como elemento da nossa geologia, mas como símbolo da força, da cultura e da tradição do homem do sertão.

Os acontecimentos narrados por Dicke obedecem a um ciclo de morte, vingança, morte. A procura de tesouros, filhos vingando pais, amores não correspondidos, uma imensidão de terras que provocam a solidão e o desalento, sensação de abandono e de medo.

1. 3 – Algumas considerações da bibliografia sobre Ricardo Guilherme Dicke

Neste tópico, apresentamos uma visão geral sobre o que se tem produzido a respeito de Ricardo Guilherme Dicke. Esclarecemos que não temos como objetivo realizar um levantamento da fortuna crítica do escritor, apenas uma apanhado panorâmico de trabalhos acadêmicos (tese e dissertação), de capítulos de livros, de artigos acadêmicos e textos de jornais e revistas.¹²

Hilda Magalhães (2001, p. 205) refere-se aos textos de Dicke da seguinte forma: “Em seus textos, céu e inferno se confundem, fazendo emergir um perturbado país transgressor para eleger o monstruoso como forma de vida”. Este aspecto filosófico sobre a forma de narrar do escritor faz com que nos voltemos para os problemas enfrentados pelas personagens de seus livros, que, geralmente, se encontram em situações conflitantes entre o que é real e o que é imaginário. Certa áurea de mistério as envolve como envolve a própria vida do escritor.

¹² No Apêndice D, conforme p. 107, da dissertação disponibilizamos quadro sinótico dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre Dicke.

Talvez seja pelos temas turbulentos e a erudição que permeiam a obra de Ricardo Guilherme Dicke que são poucos os que se aventuram a analisar seus livros. Percebemos, ao consultar o banco de teses da CAPES, que a maioria das pesquisas acadêmicas que utilizam as produções literárias de Dicke como objeto de estudo volta-se para os enfoques sociológicos e filosóficos presentes nas narrativas do escritor.

Em 2010, fizemos contato com o professor doutor Francisco Topa da UP (Portugal), e, por intermédio dele, soubemos da tese de Mônica Elizabeth Zanol, sob a orientação dele, cujo foco é o livro *Toada do Esquecido & Sinfonia Equestre* (2006). Aos que nos parece, a pesquisa foi motivada pela apresentação da peça teatral *O Salário dos Poetas* (já citada no início deste capítulo), encenada em Portugal e França.

Em 2010, foi lançada a coletânea *Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes*, sob a organização de Madalena Aparecida Machado e Vera Maquêa, que conta com cinco artigos que tratam sobre Ricardo Guilherme Dicke.

Já os jornais e as revistas fazem apenas uma apresentação do escritor. Muitas vezes surgem afirmações na imprensa dizendo que Ricardo Guilherme Dicke é um artista esquecido, outros dizem que é um desconhecido. No entanto, em pesquisa na internet encontramos cerca de noventa menções¹³ diretas ou indiretas ao escritor. Seu nome aparece citado em blogs, jornais *online*, sites de Universidades, periódicos que são publicados de norte a sul em nosso País.

Por exemplo, Sabrina Gahyva (2006), do jornal virtual *Top Cuiabá*, no dia 10 de novembro de 2006, citou Glauber Rocha, que afirmou que o escritor mato-grossense “É o maior escritor vivo do Brasil, ninguém vê, ninguém conhece!”, para iniciar suas considerações sobre Ricardo Guilherme Dicke. O intuito de Gahyva ao iniciar o seu artigo partindo da assertiva de Glauber Rocha é indagar a razão que leva Dicke ser considerado como um dos grandes nomes do cenário literário brasileiro por alguns, por exemplo, Nélide Pinõn e Hilda Hilst¹⁴¹⁵, e ser tão pouco citado pelos críticos. Quase um ano após sua

¹³ No apêndice E p. 109, deste trabalho, há uma lista de endereços eletrônicos mais relevantes que tratam sobre Ricardo Guilherme Dicke.

morte, temos, por vezes, a impressão de estarmos diante de uma novidade literária.

Dicke destacou-se como escritor e artista plástico. Exerceu a função de jornalista, revisor de textos e de tradutor no Rio de Janeiro. Após algum tempo, optou por sair do eixo Rio - São Paulo, recolhendo-se no interior. A formação filosófica do autor parece justificar a atitude de ostracismo que alguns lhe atribuem, bem a decisão do escritor por voltar para sua terra natal, Cuiabá. Atitude esta compreensível, já que, segundo Candido (2000, p. 127), “Se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados”. E, provavelmente, foi para fortalecer essa manifestação literária que Dicke fez essa migração às suas origens.

Os textos do ficcionista mato-grossense sempre refletem o problema do homem sertanejo, suas lutas diárias pela sobrevivência, seus anseios de perpetuar-se e não mais fazer parte dos excluídos da sociedade. Afinal, a luta pela terra não é um fenômeno da atualidade, mas sim um fato que se repete em nosso país há séculos.

Dicke, em algum momento de sua trajetória, soube disso intuitivamente, e, talvez por isso, tenha se retirado dos grandes centros como forma de proteger sua obra, tentando não se deixar influenciar pelas tendências presentes nas obras literárias produzidas pelos escritores dos grandes centros. Dessa forma, preservou a temática e o aspecto de sua produção literária, que dá voz a personagens que representam a identidade da cultura de Mato Grosso.

Alguns estudos publicados sobre os textos de Dicke mostram análises que enfatizam aspectos sociológico e filosófico, como, por exemplo, se constata no artigo de Madalena Aparecida Machado (2007). Infelizmente, o aspecto estrutural da obra dickeana acabou sendo relegado a um segundo plano, superado, talvez, pelo peso de suas ideologias e sua formação, manifestadas pela linguagem utilizada por ele.

¹⁵ Afirmação presente no texto O “filósofo” da Chapada – Aos 70 anos, Guilherme Dicke lança seu novo romance. Publicado em 12 nov. 2006. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/12_11_06/estilopag0701.html>. Acesso em : 14 mai. 2009.

Hilda Magalhães afirma que a literatura produzida por Dicke “Ele ilustra as relações de poder que se desenvolvem na região, que se caracterizam pela presença ostensiva e repressora do Estado e do Empresariado” (MAGALHÃES, 2001, p. 54). Essas relações de poder é que proporcionaram semelhanças entre Ricardo Guilherme Dicke e João Guimarães Rosa, conforme Machado (2007). As narrativas sobre o homem sertanejo e suas vivências fizeram com que essa relação ficasse mais estreita.

No término desta pesquisa, tivemos informações sobre outras obras de Ricardo Guilherme Dicke. Uma publicada quando o escritor estava vivo – *Como o silêncio* (1968) – e quatro póstumas: *Cerimônias do Sertão* (2011), *A proximidade do mar e da Ilha* (2011), *Os Semelhantes* (2011) e *O Velho moço e outros contos* (2011).

Sobre o livro *Como o silêncio*, embora seja citado em alguns trabalhos, não tivemos acesso à obra, o que impossibilitou apresentarmos um resumo. Quanto às quatro produções literárias lançadas em 2011, diante do prazo do término da dissertação, não foi possível tratar sobre elas.

Na mídia digital, foi divulgado o lançamento das obras póstumas de Dicke. A articulista Marta Baptista¹⁶ faz o seguinte comentário:

Mas o grande chamariz desse evento são mesmo os livros. Durante a nona edição do festival promovido pela editora serão lançadas quatro obras póstumas e inéditas de Ricardo Guilherme Dicke – o escritor mato-grossense mais incensado pela crítica, reconhecido fora de seu estado, mas ainda pouco lido por seus conterrâneos. Natural de Chapada dos Guimarães, Ricardo Guilherme Dicke (1936 – 2009) foi projetado nacionalmente em 1968, ao vencer um dos principais prêmios das letras brasileiras (Walmap), com “Deus de Caim”, num concurso que tinha entre os jurados Jorge Amado e Guimarães Rosa. Na ocasião, Dicke foi apontado pelo autor de “Grande Serão: Veredas” como uma revelação que chegava para agitar a criação literária brasileira. Depois disso, conquistou vários outros prêmios nacionais e deixou mais de dez livros publicados. Neste sábado, serão lançados o romance “Cerimônias do Sertão”, a novela “Os Semelhantes”, os livros de contos “A proximidade do mar & A Ilha” e “O Velho Moço e outros contos” – este último escrito poucos meses antes do escritor falecer. São obras que revelam a consistência de uma escrita única, que ainda precisa ser mais conhecida e estudada. Para Ramon Carlini, editar Dicke sempre foi um privilégio, “A oportunidade de ter em mãos os originais de Dicke para editar é uma alegria e ao mesmo tempo uma responsabilidade muito grande, já que o autor não pôde participar do trabalho de edição, fazendo a leitura final das obras”. (BAPTISTA, 2011)

¹⁶ Disponível em < <http://www.dihitt.com.br/barra/festival-de-livros-lanca-obras-ineditas-de-ricardo-guilherme-dicke-nosso-escritor-maior>>. Acesso em 16 jun. 2011.

As obras de Ricardo Guilherme Dicke têm muitos aspectos a serem explorados. E serão as pesquisas que possibilitarão a divulgação e o reconhecimento do escritor nos meios acadêmicos.

2 – A CONFIGURAÇÃO DAS PERSONAGENS

O homem, por meio da Arte (arquitetura, escultura, pintura, literatura), transmite conhecimento sobre a realidade, de maneira que tudo o que imagina tome forma em um mundo que considera ideal e com o qual busca identificação.

A narrativa, como uma das formas de expressão artística, é foco de estudo e de interesse dos pesquisadores da literatura há séculos no meio acadêmico. Aristóteles, em *A Poética*, já se preocupava com essa forma de representação de sentimentos e pensamento do homem que são provocados pela vivência em sociedade:

Imitar é natural ao homem desde a infância – e nisso – difere dos outros animais, em ser o mais capaz de imitar e de adquirir os primeiros conhecimentos por meio da imitação – e todos têm prazer em imitar. (ARISTÓTELES, 1992, p. 21-22)

Observamos que Aristóteles coloca o homem em posição de destaque quanto à expressão artística e à necessidade de *imitar* como forma de apreender conhecimentos e de proporcionar prazer.

Os artistas, como instauradores de outro mundo, criam uma realidade capaz de propiciar conhecimento e, ao mesmo tempo, prazer. Retratar, artisticamente, o universo humano estimulou as percepções do leitor literário para entender o que ocorre à sua volta, como, por exemplo, o reconhecimento do que acontece com as personagens no desenrolar da tessitura da narrativa.

O texto literário deixa de ser considerado apenas uma reprodução, um reflexo das experiências vividas ou observadas pelo escritor, e passa a ser uma maneira de acompanhar a evolução sócio-cultural do povo.

Massaud Moisés, em *A Criação Literária*, ao tratar do romance diz que:

Sua faculdade essencial consiste em reconstruir, recriar o mundo. Não o fotografa, mas recria; não demonstra ou repete, reconstrói a seu modo, o fluxo da vida e do mundo, uma vida sua, um mundo seu, recriados com meios próprios e intransferíveis, conforme uma visão particular, única, original. Exatamente por ser o romance a recriação do mundo é que os grandes romancistas se têm mostrado sensíveis ao tema de uma sociedade em dissolução, em decadência: pois quando tudo está a desmoronar é que mais se faz necessária a tarefa do romancista. /De que resulta esse poder demiúrgico do romancista? Primeiro: o ele utilizar com exclusividade e com franca liberdade os recursos da prosa de ficção. O romancista não sofre (ou não deve sofrer) coação de qualquer espécie, salvo aquela imposta pela própria prosa que pretende criar. (MOISÉS, 1985, p. 97)

A afirmação de que o romancista “reconstrói o fluxo da vida e do mundo” (MOISÉS, 1985, p. 97), reforça a ideia da influência das narrativas sobre o comportamento da sociedade, pois nelas são retratados sentimentos e ações, por meio das personagens, que provocam reflexões no homem. Assim, as personagens – criadas artisticamente – representam valores morais e éticos da natureza humana.

Antonio Candido, ao indagar sobre a influência do meio social sobre a arte e da arte sobre o meio social (CANDIDO, 2000, p. 18), mostra que a obra literária é fruto da experiência vivenciada e observada pelo escritor, já que, a partir do que vive, transforma os acontecimentos da realidade factual em realidade poética.

Obras como *Ilíada* e *Odisséia*, de Homero, retratam as aventuras da guerra de Tróia, destacando os feitos heroicos das figuras sociais que melhor representavam os valores de cada povo envolvido no combate. Em *Os Lusíadas*, Camões, utilizando do modelo épico de Homero e de tantos outros da antiguidade, narrou em versos decassílabos a conquistas do povo português durante as grandes navegações. *Ulisses*, de James Joyce, relata a jornada de um homem à procura de si mesmo, uma jornada de autoconhecimento, em que questões importantes para a sociedade do século XX são abordadas.

Alguns textos da literatura brasileira, como *O Uruguai*, de Basílio da Gama, narra as lutas entre nativos e conquistadores; *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, apresenta, em linguagem jornalística, os conflitos entre a polícia e o grupo de Antonio Conselheiro; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, mostra de modo inusitado, os acontecimentos de toda uma vida burguesa narrada por um defunto-autor.

Assim, a arte literária é uma forma de registrar o que a percepção do artista apreende do meio em que vive. Peripécias e valores são projetados nas várias instâncias da narrativa, em especial, pelas personagens. Massaud Moisés define a personagem como “[...] ‘pessoas’ que vivem dramas e situações, à imagem e semelhança do ser humano [...]” (MOISÉS, 1995, p. 138)

As “pessoas”, tal qual retratada por Massaud Moisés, funcionam como a mola propulsora e objeto conflitante da narrativa. É o que acontece com as

personagens do romance *Madona dos Páramos*, de Ricardo Guilherme Dicke, que, sob o comando de um narrador heterodiegético, refletem um segmento social.

É a partir das falas e das ações das personagens de *Madona dos Páramos* que a questão social se traduz e se firma; por vezes, elas traçam os seus destinos.

Antonio Candido afirma que:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida em que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. (CANDIDO, 1970, p. 53)

No texto narrativo, a “linha do destino” (CANDIDO, 1970, p. 53) das personagens é traçada pela diegese, que possibilita ao leitor ver a concepção estética e o posicionamento ideológico do escritor.

Em *Madona dos Páramos*, tons reflexivos e questionamentos sobre a forma de viver no ambiente do sertão são representados por meio das personagens. É partir delas que observamos o processo de migração, o panorama da cultura e dos costumes da sociedade mato-grossense do início do Século XX.

As personagens de *Madona dos Páramos* são organismos vivos na estrutura textual do romance, possibilitando, durante a leitura, compreender o mais grave deslize delas, seja ele de que natureza for. Sejam eles assassinos, ladrões, mentirosos, bajuladores, traidores, ou simplesmente charlatões, todas são compreendidas no momento em que narram suas trajetórias, compondo, assim, um organismo maior entrevisto na estrutura do romance.

A personagem é a voz que denuncia, esclarece e traz luz às situações sociais expressas na obra de arte pelo artista; é quem desperta a curiosidade do leitor para saber mais e mais sobre aquele ser ficcional que, tão bem, mostra sentimentos, dúvidas e dramas presentes no cotidiano de cada ser humano. Forster diz que:

Não precisamos perguntar o que aconteceu depois, mas sim a quem aconteceu. O romancista estará recorrendo à nossa inteligência e imaginação, não simplesmente à curiosidade. Uma nova ênfase entra em sua voz: a ênfase sobre o valor. (FORSTER, 1974, p. 33)

O primeiro elemento citado – a *curiosidade* – é diretamente responsável pela “fome” de narrativas que homem tem. A necessidade de conhecer as histórias que perpassam pelos séculos talvez seja a mola propulsora que leva o escritor criar, cada vez mais, mecanismos de narrar que satisfaçam a eterna busca pelo saber e conhecer novos fatos do cotidiano do homem.

O segundo elemento – a *imaginação* - parece ser o responsável direto pelos efeitos que os fatos narrados têm sobre a maioria dos leitores. É, também, o fio condutor necessário para inovar e dinamizar as formas de narrar. Caso o autor não saiba utilizá-la, a curiosidade do leitor diminui.

E, finalmente, o *valor* é o elemento que possibilita ao leitor ligar à formação cultural, à tradição da sociedade, na trama da narrativa. Desse modo, é por ele que se observa como o escritor pensa e interpreta os fatos que estão à sua volta.

Em *Madona dos Páramos*, os elementos descritos acima estão presentes, pois curiosidade e imaginação instigam o leitor. Já o valor mostra-se nas longas reflexões realizadas pelas personagens, tendo, por exemplo, como cenário o sertão e a menção de figuras do universo mitológico.

A diegese de *Madona dos Páramos* mostra o percurso de um bando de foragidos (José Gomes, Ticiano Garci Lopes, Chico Inglaterra, Babalão Nazareno, Urutu, Bebiano Flor, Melânio Cajabi, Canguçu, Pedro Peba, Caveira e Lopes Mango de Fogo) a procura da Terra-Mãe, considerada como lugar paradisíaco pelos membros do bando, no qual eles pudessem viver livres, sem se preocuparem com a milícia, sem se adequarem aos valores éticos e morais estabelecidos pela sociedade, sem preconceito e sem desigualdade. Ou melhor, local em que “Paróquia e bordel” (DICKE, 1982, p. 55) vivem em plena harmonia. A travessia do sertão para encontrar a terra prometida é o espaço que leva cada indivíduo do bando a refletir sobre seus pecados (luxúria, ira, soberba, inveja) e sobre as ações que os levaram a cometerem crimes.

Na cena inicial do romance – “Martelo. Um som de martelo martelando ferradura em alguma ferraria próxima. / Meio-dia de sol untado e quente.

Martelo no meio-dia. Martelando, martelando. Meio-dia e martelo”. (DICKE, 1982, p. 9) – o narrador, heterodiegético, estabelece a enunciação a partir de dois vocábulos, um substantivo (“martelo”) e um verbo derivado do substantivo (“martelando”), como que para reforçar, por meio da repetição dos sons, a continuidade dos acontecimentos na sequência narrativa que se desencadearão a partir dali.

Ao construir o início da diegese desse modo, o narrador, parece-nos, constrói um discurso que demonstra a isenção dele diante do narrado, excluindo-o de qualquer culpa. Essa demonstração do fluxo contínuo da narrativa faz com que os fatos sejam vistos como algo fora do controle do narrador, que neste caso é apenas expectador da trama.

A narrativa de *Madona dos Páramos* é composta por um universo de personagens em que o real e o mítico se completam e se confundem. Para que isso fique estruturado na diegese, o escritor utiliza a descrição da paisagem do sertão mato-grossense, assim como dos sentimentos que predominam no homem do sertão. Tudo isso é retratado e perceptível nas ações e nas falas das personagens ao longo do romance. Parece-nos que tal técnica é a forma que Ricardo Guilherme Dicke utiliza para materializar a realidade factual na qual ele viveu e decide refletir em termo de arte literária:

Sobre o rio estridulam noitibós, que voam e se requebram em vôo numa espécie de dança da noite, os pássaros da escuridão e do mistério... Mas sob a folia de mistérios das corujas noturnas, na capa da noite estendida, é um apaziguamento de paz que não se interrompe, um início de dormitar vegetal que influencia a terra, a água que não dorme, o entes. (DICKE, 1982, p. 34)

Essas observações são feitas por um narrador que conhece em profundidade o cenário, sob o céu de mistério, que descreve. Talvez esse recurso do narrador ao iniciar a composição do texto seja uma forma de “naturalizar” a descrição, como afirma Reis e Lopes (1988, p. 25). Fato interessante no fragmento acima é a maneira como a descrição do espaço e do sentimento provocado pelo espaço são retratados pelo narrador. O posicionamento no nível extradiegético, parece dar mais verossimilhança ao que conta, tudo é narrado a partir do ponto de vista das personagens;

personagens que integram o sertão mato-grossense e que conhecem profundamente o espaço em que convivem.

Ao longo da narrativa, as personagens são responsáveis pelas descrições do espaço que percorrem, ou, como postura Reis e Lopes (1988, p. 26), “[...] a descrição é plasmada pela subjetividade da personagem.”

A rudeza e a estaticidade do cenário é suavizada pelas palavras “estridulam”, “requebram”, “dançam”, que denotam movimento e inquietação para descrever o universo noturno do sertão, bem como os sentimentos conflitantes que convivem no interior e na vida do sertanejo.

O uso desses recursos para descrever o cenário inicial da narrativa dickeana, provavelmente intenciona retratar a personalidade de José Gomes, personagem encarregado pelo narrador de apresentar as outras personagens que compõem a diegese de *Madona dos Páramos*. As representações de diversas facetas da alma humana serão traduzidas pelas personagens que compõem o bando de foragidos, que cruzará o sertão em busca da *Figueira-Mãe*, uma espécie de terra prometida, local de redenção e descanso final para aqueles que vagueiam pela vida, pelo sertão à procura de paz e comunhão com o universo que os rodeia.

As personagens dickeanas fazem parte de dois universos distintos (sertão/cidade) ocupando o mesmo espaço, mas se referem a um tempo em que presente/passado/futuro fundem-se e se completam. Magalhães (2001, p. 208) afirma que as personagens criadas por Dicke são “[...] sobreviventes do Sistema ou de si próprios, transitam entre o divino e o selvagem, o real e o surreal, sufocados pelo peso da existência”. O “*Sistema*”, citado por Hilda Magalhães, pode ser entendido como poder agrário, por meio do qual os latifundiários dominam os trabalhadores, subjagam as mulheres aos seus desejos e coagem as crianças. No final, o bando de foragidos é oprimido pela violência.

A fuga empreendida e o processo migratório de um bando formado por foragidos de diversos lugares, culpados de crimes que vão desde desavenças em bordeis a assassinatos cruéis, serão o fio condutor da narrativa. O grupo representativo da parcela marginal da sociedade que a seu modo tenta sobreviver, mesmo que em condições desfavoráveis, aos poucos forma toda estrutura que comporá a diegese.

Em uma sociedade na qual se faz necessário parecer-se com o outro para ser aceito socialmente, esses homens fugitivos, por um motivo ou outro a certa altura da vida, não se encaixaram no contexto social em que estavam inseridos, pois enveredaram pela marginalidade e perdem espaço nessa sociedade, regida pelas leis civis.

Vejamos a descrição das personagens para, na próxima secção, demonstrar como se configura a presença do mal sofrido e do cometido nas personagens.

2.1 – O perfil das personagens

Em *Madona dos Páramos* cada personagem é que relata a sua saga, pois contando-nos minúcias de um cotidiano comum de relacionamentos familiares, amorosos e de amizade e as atrocidades que cada qual praticara contra seus semelhantes. Por exemplo:

Urutu:

Olhava-os nos olhos como se não fossem gente. Devia ter matado esse cão do Paraguai, que o provocava, mas que ele apenas se desguiava os pensamentos, resolvido a não fazer nada. Que mistério existe nisso: se mata a uns que talvez nem mereçam e se deixa de matar àqueles que mereçam mais que os outros? (DICKE, 1982, p. 153)

Bebiano Flor:

Escuto-lhe o gemido ao meu lado, Laim vomita sangue e pragas contra mim, eu [Bebiano Flor], seu irmão, contra o estrume no chão, acertei-o a coração pleno, a morte nele como em mim, caminha tartarugando, singra, emigra, daqui a pouco sob a noite negra, a brisa negra, olor negro dos araçás, o fluir negro da fonte entre os tapetes negros de folhas podres. DICKE, 1982, 269 - 270)

Melânio Cajabi:

O belo rosto de cigana de Umbelina. Quando se amavam, te ajoelhaste junto dela e olhando de pertinho seu belo rosto de cigana, rezavas, as mãos postas, até que ela te disse: vinga-me, e muito

depois recolheste teu último suspiro no cântaro de tua memória e do teu sentimento. E tu desde essa vez, selaste tua boca com selo de silêncio perpétuo, juraste, Melânio Cajabi, fez-se em ti o silêncio. Não fez muito tempo não. Contra toda a colônia cigana, contra quem estavas em guerra, a tomaste para si a Umbelina e ela te quis, te aceitou. (DICKE, 1982, p. 329)

Como dissemos anteriormente, o bando de foragidos é composto por onze pessoas. Assim é descrita os membros do grupo pelo narrador:

Fugitivos, caminhando os doze assurbanipais em cavalos, dez homens vivos, respirando a paixão esparsa na noite fulgurante e tempestuosa e uma adorada moça sem nome nenhum conhecido, afora o fantasma vagante de um homem morto que vem com eles, arrastando remorsos sobre os rastros que vão ficando cada vez mais para trás. (DICKE, 1982, p. 238)

Trata-se de dez homens vivos e um “fantasma vagante”, referência a Lopes Mango de Fogo, que foi assassinado, logo no início da narrativa, pelo chefe do bando, Urutu, considerado como homem perigoso por todos.

Aliás, o neologismo “assurbanipais” utilizado pelo narrador ao se referir aos doze componentes do bando, incluindo a moça sem nome e o fantasma de Lopes Mango de Fogo, remete a Assurbanipal, que segundo a enciclopédia Biblioteca de História Universal:

Incitados por sonhos de conquista e esperança de butim, os reis-guerreiros da Assíria criaram uma das nações mais poderosas da antiguidade. No século VII a.C. o Rei Assurbanipal teve sob o seu mando um império que se estendia do Egito ao Irã. Como a maioria dos governantes assírios, era ele um homem de ação; conduzia suas tropas ao campo de batalha e em tempos de paz ostentava o seu valor na caça aos leões. Assurbanipal era também sacerdote e um letrado. (KRAMER, 1969, p. 63)

Os “assurbanipais” são vistos como guerreiros, crueis em batalhas, mas preocupados com o saber. É assim que as personagens dickeanas se apresentam ao leitor, seres rudes, fortes e que ao mesmo tempo propõem um redirecionamento de suas vidas, contrária ao que a sociedade impõe. Parece-nos que a narrativa propõe uma nova forma de avaliar valores, crenças e atitudes do homem, perceptível por meio das histórias vivenciadas das personagens, que ora são reveladas, em menor grau, pelo narrador, ora pela própria voz das personagens, fazendo com que o leitor acompanhe suas

trajetórias para melhor compreendermos os dilemas próprios dos seres humanos.

O trecho ainda destaca a presença de “uma adorada moça sem nome nenhum conhecido” (DICKE, 1982, p. 238). O narrador utiliza um adjetivo (“adorada”) para destacar e reforçar a visão que os homens do bando têm de encarar e tratar a moça. A dicotomia desejo carnal vs. divinização é algo que marca os homens do bando quando “falam” sobre a “moça sem nome” (DICKE, 1982, p. 238), que ora é vista como objeto de luxúria ora como ser divino, inalcançável, principalmente para eles, pecadores e marginais incorrigíveis.

Aliás, a presença do mal constitui o foco central de *Madona dos Páramos*. A temática é apresentada pelo narrador que, aparentemente, conhece intimamente cada um dos componentes do bando. Esse tipo de construção narrativa dá credibilidade aos fatos que serão apresentados, pois, segundo Beth Brait:

A apresentação da personagem por um narrador que está fora da história é um recurso muito antigo e muito eficaz, dependendo da habilidade do escritor que o maneja. Num certo sentido, é um artifício primeiro, uma manifestação quase espontânea da tentativa de criar uma história que deve ganhar a credibilidade do leitor: “Era uma vez uma moça muito bonita, que se chamava...”; “Naquele tempo, os homens caminhavam por...”. No *Antigo Testamento*, assim como nas epopéias clássicas ou nos contos de fada, a personagem não é posta em cena *por ela mesma*, mas por suas aventuras, pelo relato de suas ações. E nem por isso deixa de ter consistência e ganhar credibilidade. (BRAIT, 1985, p. 56)

As personagens apresentadas no romance formam um grupo variado de pessoas que, pouco a pouco, revelarão suas aventuras e desventuras vividas em situações que serão relatadas pelas mesmas na evolução da diegese.

Ao se referir aos foragidos, o narrador utiliza as palavras “bandoleiros” e “bandaréu” para imprimir um conceito de unidade ao bando e a coexistência de seres tão diferentes no mesmo universo. Fortalece, também, o pensamento de que são iguais em suas experiências.

Foragidos, bandoleiros, homens livres... Outros depois dele vão entrando, um bandaréu, meia dúzia de mal encarados em difusas roupas cáqui que não lhes servem nos corpos e que se lhes sobram de todos os lados. (DICKE, 1982, p. 41- 42)

Os substantivos coletivos reforçam a imagem do grupo uníssono de foragidos que por motivos diferentes se unem para que possam sobreviver nas intempéries do sertão. Esses homens em fuga, cada qual com seu universo, irão se diferenciando no desenrolar da diegese.

Para tanto, o escritor, nesse momento, confere ao narrador a autoridade, por meio das palavras, para subordinar essas personagens à sua vontade, contendo-as para que se revelem pouco a pouco no decorrer da história.

O pintor e o escultor não precisam ter ligação: quer dizer, não precisam representar seres humanos, a não ser que o desejem; tampouco precisa o poeta; enquanto o músico não pode representá-los, mesmo que o queira, sem o auxílio de um programa. O romancista, ao contrário de seus colegas, arranja uma porção de massas verbais, descrevendo grosso modo a si mesmo (grosso modo, as sutilezas virão mais tarde), dá-lhes nomes e sexos, determina-lhes gestos plausíveis e as faz falar por meio de aspas e talvez comportarem-se consistentemente. Essas massas verbais são suas personagens. (FORSTER, 1974, p. 34)

As “massas verbais” do narrador dickeano ao descrever as personagens não estão no início da narrativa, pois ainda não é possível revelar as sutilezas da essência de cada uma. Nesse ponto, o leitor não pode conhecer a real natureza das personagens do romance:

Outra vez a noite caiu. E nessa noite, em cavalos descansados, como com força nova, os homens vão: Urutu, Babalão Nazareno, Chico Inglaterra, o Caveira, Pedro Peba, Canguçu, José Gomes, Bebiano Flor, Melânio Cajabi, Garci, o fantasma de Lopes Mango de Fogo e a lembrança da moça. (DICKE, 1982, p. 322)

À medida que a diegese avança o narrador deixa de tratar o bando como “bandoleiros”, “bandaréu” e passa a defini-los pelos nomes. A partir desse momento, as personagens vão revelando suas histórias de vida, dos males cometidos e dos males sofridos, para que cada qual possa trilhar o caminho da remissão dos seus pecados/sofrimentos.

As palavras de nhá Tabita, no diálogo com José Gomes, no início da narrativa de *Madona dos Páramos*, parecem determinar qual o destino dele e, conseqüentemente, dos demais membros que compõem o bando que ele faz parte. Iniciemos a citação:

Ao longe ficou o vulto de nhá Tabita, curvada apanhando as notas que o vento dispersava. A distância como um elástico enorme se abrindo como um leque na mão do destino, um ser perdido na eternidade, esse destino que começava. (DICKE, 1982, p. 12)

O pretérito perfeito em “ficou” demonstra que o narrador onisciente tem conhecimento de que os acontecimentos futuros estarão subordinados à maldição proferida por nhá Tabita. O “vulto” da mulher, bem como suas palavras, paira sobre a vida de José Gomes e se estenderá como sombra maligna sobre a vida de todo o bando, como se o destino de todos estivesse traçado desde o início.

- José Gomes

Na fala “Minha mãe não teve filho meganha e seu nome não anda em boca de cachorro” (DICKE, 1982, p. 9), nhá Tabita, que surge na narrativa como uma espécie de profetiza, apresenta a personagem José Gomes, que se desespera e tenta convencê-la a retirar a praga. Observemos o diálogo estabelecido então:

- Como se chama você? - perguntou procurando ainda nos bolsos.
- Tabita, meganha, lembre-se de Tabita, a que nunca jogou praga sem pegar e te amaldiçoa neste instante. Você há de penar no mundo que nem cachorro de índio, escute o que eu falo.
- Seja boa, dona.
- Nada, amaldiçoado, nada, nada. (DICKE, 1982, p. 10)

A mulher se nega veementemente a retirar as palavras que a partir dali pesam sobre os ombros de José Gomes como se fosse a própria mão do destino sobre sua vida. A mulher continua:

- Filadaputa amaldiçoado, cachorro mal parido, que o diabo te leve à puta que o pariu, sobre vancê todas as pragas que nascem do inferno desta minha boca de maldições que só fala a verdade, porque nunca deveu a ninguém e muito menos a vancê, vancê e os iguais a ti. (DICKE, 1982, p.17)

Ao que parece esta fala da personagem sentencia José Gomes a um futuro de sofrimento, situação que se observa, também, nos demais homens do grupo. Posteriormente, Nhá Tabita lhe dá a benção, quando José Gomes lhe roga em nome de sua mãe, retirando a maldição:

- A benção, Tabita, não negue, por favor, vou longe, não sou como os outros da mesma lei, não te fiz mal nenhum.
- Fez sim. Quando alguém em nome da lei faz mal a alguém todos são culpados.
- Vou para muito longe, Tabita...
- Vai matar pai e mãe de gente pobre?
- Não, vou fugido, vou longe, a benção, não negue, preciso, em nome de minha mãe que a senhora não conheceu.
- Se é preciso... Esteja com benção, que Deus te abençoe, meganha... Só por tua mãe... (DICKE, 1982, p. 11)

José Gomes, ex-soldado da polícia da região, foi preso porque cometeu um crime passional ao descobrir que estava sendo traído por sua esposa. A diegese apresenta a descrença da personagem na honestidade da figura feminina.

O trecho abaixo justifica e explica à forma como José Gomes passou de um representante da lei para um proscrito, um ser vivendo à margem de tudo o que é considerado aceito como certo e bom.

Eu crendo a mulher na cozinha ordenando a comida, mas nada. A casa toda quieta, a mode morreu gente, até me deu um arrepio só de pensar pareceu um pressentimento, me lembro, me correu um risco de medo na espinha. Entro no quarto e lá está a mulher enleada nos lençóis, fingindo-se dormida. Logo dei pela coisa. E mais que num lanço de olhos dou com botas, fardas, etc., até pensei que fosse mais de um, tudo num bolo numa cadeira ao pé da cama. Ainda não disse que minha mulher era bonita de danar, dessas frajolas que se demoram cinco horas para comprar um perfume e dez para usá-lo no corpo. (DICKE, 1982, p. 21-22)

Na primeira parte da cena, José Gomes utiliza o verbo “crendo” pré-seguido da primeira pessoa do singular como que para ressaltar que somente ele, José Gomes, acredita que sua mulher é digna e se dedica aos afazeres domésticos. A trama já destaca que algo de ruim ocorreria naquele ponto da narrativa: “Foi tudo por uma dor de dentes que estava me pondo louco” (DICKE, 1982, p. 21). Esse fato narrado prepara o leitor para que saiba que nada de bom sairá dali; é como se fosse um mal pressentimento. Mais à frente, José Gomes afirma que “[...] me correu um risco de medo na espinha.” (DICKE, 1982, p. 21), quando entrou pela casa que estava quieta. Nesse momento, de ápice de suspense, já se sabe que o crime passional inevitavelmente ocorrerá logo a seguir desvendando o que o tom de mistério da narrativa vem de certa forma dizendo que irá acontecer.

Ao entrar em sua residência, José Gomes encontra a mulher “enleada nos lençóis”. O escritor parece escolher o verbo “enlear” cujos sinônimos são atarracar, confundir, embaraçar, perturbar, para traduzir o que a personagem José Gomes pensava de sua esposa. Tal cena faz com que ele faça uma ação impensada, ação que lhe tira o sossego e a paz de espírito.

Em um momento de fúria, José Gomes assassina Cabo Gerão – o amante de sua esposa – de forma cruel e insana, não se importando com as consequências daquele ato:

Fui, uns cavalos em fúria aqui dentro do peito, uns cavalos de fogo, fui, peguei um machado que estava ali no canto, parece que o Tinhoso o pusera ali por puro gosto, ainda no outro dia tinha me esmerado em amolá-lo, estava que era um corte só, alvo, limpo como o branco dos olhos que viram tudo e não se esquecem mais, empurrei jogando Cândi de lado para livrá-la, afinal, pensei mulher é fraca, mais fraca que o homem, ergui-o nas mãos na polidura do cabo liso e desci-o na força cega da raiva para tudo quanto foi lado, em cima daquela cama onde nasceram meus dois filhos e que agora me parecia um ninho dos diabos. Quando terminei estava como um açougueiro nadando em carnes e o quarto era um esguichar vermelho que não tinha mais termo. Não havia mais cama, nem gente viva fora eu e Cândi, matei primeiro para olhar depois quem era o desaforador, nem demasiado rumor houve no vira-mexe. Tudo jorros, pelancas, três dedos de estanque de sangueira onde boiavam partes, bofes, mundongos, madeirames estraçalhados, panos embrulhados. O ferro me pesava nas mãos. (DICKE, 1982, p. 23)

José Gomes narra os fatos parece que contando para ele mesmo pela primeira vez. A riqueza de detalhes com que descreve a cena do assassinato, a preocupação com a suposta fraqueza da mulher, a lembrança do nascimento dos filhos, a imagem das carnes do Cabo Gerão, evidencia a reflexão que a personagem faz das atitudes que tomou com a traição da esposa.

E, finalizando a narração, ainda se refere à beleza da mulher: “[...] Ainda não disse que minha mulher era bonita para danar [...]” (DICKE, 1982, p. 22), aqui ao término das explicações sobre o motivo de haver se tornado um fora da lei, conclui dando a informação, que provavelmente, o atormentava: *era bonita de danar*. Eis o significado de danação “s.f. Condenação; raiva; zanga” (BUENO, 1986, 324).

José Gomes refletindo sobre atitude tomada em relação ao amante da esposa, se questiona: “[...] Virei ou fiquei um assassino? [...]” (DICKE, 1982, p. 23). Tal questionamento é na realidade um questionamento que a narrativa

apresenta em outros momentos, pois é como se fosse um questionamento da humanidade em geral, o homem é mal ou está mal? O homem pode apresentar esse aspecto de sua personalidade ou na realidade ele é mal por nascença?

- Ticiano Garci-Lopes

O nome completo dessa personagem é Ticiano Garci-Lopes¹⁷ e é o membro mais jovem do bando. Tal qual José Gomes, Garci empreende fuga no sertão sozinho. Aqui está diferencial de Garci e José Gomes dos demais componentes do bando. Primeiramente, eles trilham solitários pela “estrada” do sertão, depois se unem e se juntam em uma tentativa de driblar a solidão:

Diria que é nada menos e nada mais que o Garci que vem lá. Se é, na certa, vem fugindo também. Já reconhece à medida que se acerca, não há engano possível, é mesmo o recruta Garci, não há desconhecer, vem a pé, furtando-se ao claro, pisando forte no tapete ruidoso de folhas e galhos secos. Já está à distância os botões da farda, e ele não ia conhecer o seu amigo desde sempre?, já chegou-se justo o menino com ar de aflição, perseguido como ele, como todos os que vagam pelo tuaiá. (DICKE, 1982, p. 25)

Essa forma com que José Gomes refere-se à Garci, “menino”, também é utilizada, na sequência narrativa, quando outras personagens se referem a ele:

– Obrigado, Chico.

De nada, menino. Fora bem cheirado, isso fora bom para os peitos. Fora remédio também para o espírito da gente, nos espirros saem os sonhos ruins. Diga-me uma coisa menino, você se ofendera com o que lhe dissera antes? (DICKE, 1982, p. 60-61)

Parece-nos que Garci ao ser chamado pelos demais companheiros de jornada como “menino” possibilita interpretar a personagem como jovem e inocente, mesmo que em várias partes da narrativa ele seja apresentado com atitudes de homem feito:

Eu tirei uma hora e estava já tardinho da noite no bordel da Maria Carabina, você conhece, não é, ali no fim do Baú, e arreliava com a Miguela, você sabe, aquela nanica, fina, de grelo caprichado, quando não sei de onde, numa broca de danar, apareceu o sargento e me chegou em cima, com mil perguntas, jeitão de abuso de mando, toda aquela pose, só faltava me tocar para frente no rebenque. Eu, José Gomes, você me conhece, com que cara ia agüentar aquilo na frente da moça? (DICKE, 1982, p. 26-27)

¹⁷ Garci, José Gomes e João Enzóis Buzamão (Caveira) são as únicas personagens que possuem nome e sobrenome na trama.

As palavras de Garci mostram que ele foi preso por motivos bem típicos do comportamento de um homem adulto ao mostrar toda sua masculinidade à frente de uma mulher e dentro de um bordel, que é um ambiente predominantemente do universo do homem adulto.

No prostíbulo, Garci não aceitou o desacato de outro homem e tomou uma atitude violenta, assassinando-o. A personagem traz em sua atitude a antítese menino vs homem; ele é um menino com ações de um ser adulto na necessidade de provar sua masculinidade. Tal postura de Garcia parece-nos revelar que as vicissitudes da vida embrutecem qualquer ser humano, independentemente de sua faixa etária.

Na narrativa, Garci é um organismo vivo formado por contradições, juntamente com José Gomes, que provocam questionamentos sobre o porquê da crueldade e do mal presente no comportamento do homem.

- Urutu

Essa personagem é a primeira que José Gomes e Garci identificam quando se encontram com o bando comandado por Urutu:

– Parecem meganhas – diz –, e agora?
 Garci desarma e arma o fuzil de repetição de José Gomes, este de revólver na mão, ambos esperam pesquisando. O grupo se divisa melhor, deixando para traz uma nuvem de pó vermelho, que se abre em redemoinhos, o patear dos cavalos se aproximando como uma escolta do Senhor Divino, em tempos de folias e cavalhadas.
 – Morro, mas não volto àquele estrume – ruge José Gomes –, apoi mas é o Urutu, eles vem vestidos de meganhas, juro – escoldreia a arma. (DICKE, 1982, p. 40)

Urutu, que surge do meio de um “redemoinho” de “pó vermelho”, é visto por todos os membros do bando como a própria figurativização do Demônio em razão de suas ações sanguinárias, pois todos o temem. Não é à toa que o narrador descreve a personagem como aquela que “[...] via nas pessoas já a morte delas, a hora, o momento” (DICKE, 1982, p. 153). O temor a Urutu está presente em vários momentos da narrativa, como, por exemplo, na passagem abaixo:

- Cabra da peste esse Urutu...
- É, ele não alisa. Cara brabo e ruim de verdade está ali. Ele não perdoa. Dois dele não podem existir. Tem ninho de arraia no peito.
- Famoso em cinco Estados. (DICKE, 1982, p. 40)

É interessante observar que Urutu, mesmo sendo temido pelos demais companheiros, era respeitado pelo grupo de foragidos perigosos, tanto que é ele que lidera o bando. Isso fica perceptível no excerto acima quando José Gomes e Garci dialogam e Garci afirma: “[...] Dois dele não podem existir”.

A forma como Urutu é apresentado no aspecto físico pelo narrador – “[...] Urutu é um preto enorme, dois metros e meio deve ter de varapau. Negro sarado assim ainda não se soube não” (DICKE, 1982, p. 41) – corrobora, ao longo da diegese, a imponente e a liderança de Urutu, assim como o respeito, a admiração e o medo que os homens tinham em relação a ele.

Tanto o narrador quanto as personagens do romance ao se referirem à Urutu, empregam adjetivos como “enorme”, “varapau” e “sarado”. Descrito como aquele que tem “[...] um esbranqueado de cruz desenhado no centro da testa, que nem urutupeba...” (DICKE 1982, p. 41). Ao levarmos em conta a descrição feita pelo narrador, o sinal no rosto de Urutu já indicia a índole má e a crueldade dele; surge como que para avisar que não é qualquer um e com ele o cuidado deve redobrado. Isso é confirmado na diegese, como, por exemplo, quando ocorre o assassinato de Lopes Mango de Fogo:

O berro lhe saíra depois de muito tempo, ele caído, olhando fixo para Urutu. Como que se lembrara e então gritara. E torceu-se para trás quieto, a morte entranhada, incrustada, viajando dentro dele. Urutu olhava rindo, revólver na mão:

- Agora você aprendeu, seu cachorro? Eu lhe tinha avisado, não? Nunca falo duas vezes. (DICKE, 1982, p. 111)

A liderança de Urutu é muito presente na narrativa, pois é ele quem faz as saudações e as apresentações no bando e quem define que serão donos de suas vidas, não presos a normas e regras de convenção de uma sociedade civilizada.

Tal como a cobra cujo nome serve-lhe de pseudônimo, ele é uma personagem quieta, observadora dos seus companheiros para lhes repreender alguma atitude impensada ou mesmo para dar-lhes as ordens necessárias para que o bando continuasse a funcionar em unidade.

Um leitor desatento tende a ver Urutu como a personagem principal do romance, o que a diegese não confirma, pois, ao que nos parece, o narrador não elege um protagonista, mas vários protagonistas, que são os membros do bando: José Gomes, Ticiano Garci-Lopes, Chico Inglaterra, Canguçu, Melânio Cajabi, Babalão Nazareno, Bebiano Flor, Pedro Peba, Caveira e Lopes Mango de Fogo. A técnica utilizada pelo narrador para dar a ideia de que o romance apresenta vários protagonistas é a focalização, isto é quando o narrador delega o ponto de vista para que cada personagem relate a sua própria história.

- Chico Inglaterra

O narrador apresenta essa personagem como um sujeito comum, mas com um aspecto físico um pouco diferente do que podemos encontrar no sertão. Descrito como:

É um sujeito baixo, corado, meio gorducho, pragana avermelhada e rala, uns brotados de inchaços e escarlatinas rubras no couro disseminados, olhos azuis aguados, parece algum pastor protestante com escorbuto ou coisa que o valha, abandonado no sertão, meio cínico nos modos, meio delicado, o corpo se lhe bóia dentro da farda imunda, calombos de cor feia na testa e no pescoço, lábios empapuçados, bochechas inchadas de pinguço, a cabeça raspada, coco amarelado, como se tivesse fugido de algum hospício, e ao abrir a boca, só gengivas rosadas florescem no fâcies mole e adocicado que lhe enruga a cara, um regougo em pífiás a escapar-se:
– Prazer, prazer... (DICKE, 1982, p. 42)

A narração confere feminilidade à personagem, algo bem incomum quando se lê um texto que narra à história de personagens tão masculinas, crueis e sanguinolentas. A brandura e a doçura de Chico Inglaterra são denunciadoras da opção sexual pelo sexo masculino. No desenrolar da diegese, ele faz diversas investidas para seduzir sexualmente Garci. Mesmo com lepra, que lhe corroia o corpo aos poucos, Chico Inglaterra mostrava a Garci que a “macutena” não o prejudicaria. Ele tenta seduzir Garci assim como fora seduzido por Bento Polaco, conforme descrição abaixo:

Em nossa cela éramos três. O Bento Polaco tinha umas escamas brabas pelo corpo, umas vermelhidões de toucinho perebento que nunca se iam no couro branquelo, alvo que nem moça, e novo ainda o anjo, assim como você, me faz lembrar você, sem mentira nenhuma e ele me afiançou que as perebas eram mansas, só agora, ultimamente, danei a pensar será se eram mesmo?, tivera comigo que fora macutena, e então como eu contava, o Bento Polaco era

nossa dama, sujeito mofino aquele, ninguém imaginara que ele tivera já três mortes nas costas. (DICKE, 1982, p. 50)

É interessante que ao longo da narrativa, o narrador em nenhum momento diz, muito menos delega a voz a própria personagem, sobre o(s) crime(s) cometido(s) por Chico Inglaterra que o levou a prisão. Quando o narrador descreve Chico Inglaterra ou dá a voz para que a personagem relate a sua história, o foco recai pela opção sexual e pela luxúria, que, aliás, foram adquiridos quando prisioneiro. Percebe-se que a luxúria é o mal que compõe a personalidade de Chico Inglaterra.

- Lopes Mango de Fogo

Na narrativa, Lopes é que tem o poder de seduzir e de encantar as mulheres, que se entregam a ele sem resistência:

– Este é Lopes mango de Fogo, o chuchu da negas e das chinas, maior encantador de mulheres jovens ou velhas do Estado. Estira a mão suada e escorregadia um mulato claro, mediano e retaco, de pé no chão, paletó aberto, sujo de sangue velho como um carnicheiro, em bagas e ressumar sudoroso, feridão feio no ombro, sorriso fino, grenha atufada como cornos, no peito bentinhas, de cara boa, que só lhe toca o dedo nas pontas. (DICKE, 1982, p. 42)

Na cena acima, Urutu apresenta Lopes Mango como o “chuchu das negas” e o “encantador de mulheres”. Mais a frente, a personagem recebe comparações que leva o leitor a perceber a sua índole má a partir dos vocábulos “carniceiro” e “cornos”, que lhe evidenciam o aspecto demoníaco.

Embora tenha cometido muitos crimes, Lopes Mango é também o portador da luxúria. E é em razão disso que é assassinado por Urutu porque tentara seduzir a “Moça sem nome”, considerada propriedade do chefe do bando:

– Não gostei dele desde o início, quando ele pegou a moça como se fosse dono dela lá na fazenda. Eu o estava avisando com os olhos, com tudo o que podia e o que não podia. Eu aviso sempre, antes de acontecerem as coisas, ele sabia, mas queria fazer-se de besta, e aqui continuou. Agora não continuará mais nada. Ei, nhá moça, se lembra do que ele quis fazer com você, esse amaldiçoado lá na fazenda? (DICKE, 1982, p. 112)

- Babalão Nazareno

Visto como:

Um cabra remansado, um Antonio Conselheiro, de olhar profundo, meio corcunda, corpulento, com uma cabeleira negra e crespa sem tesoura que lhe chega à cintura, barbas intonsas, rosto sulcado, um rosário de contas enormes e toscas no pescoço, não traz farda, um modo bom de encarar, como que seu olhar refresca de repentinamente como um rio. (DICKE, 1982, p. 42)

Babalão Nazareno é apresentado pelo narrador como o estereótipo do profeta, em razão de pregar valores religiosos aos demais membros do bando. Tentativa vã, pois todos sabiam dos crimes cometidos por Babalão, entre eles, o assassinato do soldado Mano, que escutava e seguia as pregações do homem que sabia as coisas de Deus. Aqui, mostra-se a dissimulação dessa personagem, que se acha portadora dos preceitos divinos, mas não segue os mandamentos de Deus.

- João Enzóis Buzamão

Na narrativa, o narrador anuncia apenas uma vez o nome completo dessa personagem. Feito isso, essa personagem é chamada, tanto pelo narrador quanto pelas personagens da narrativa, pelo seu apelido: Caveira.

Urutu apresenta Caveira como alguém muito conhecido e que era professor. Mesmo fazendo tal afirmação, Urutu deixa evidente que a apresentação é feita a partir do que lhe foi contado por Caveira, pois no sertão o que vale é a palavra do outro:

– Este é o Caveira, você já deve ter ouvido falar, de Minas Gerais e professor, segundo ele mesmo, porque aqui ninguém sabe nada de ninguém a não ser o que a pessoa mesma diz, que fica sendo a verdade. A gente tem que acreditar no que dizem com sua própria boca. Que não seria se cada um não pudesse ser seu próprio cartório. (DICKE, 1982, p. 41)

O apelido que João Enzóis Buzamão, o Caveira, recebe é explicado pela sua aparência, um:

[...] branco capiongo em puros ossos, o comprido e árido corpo [...] Entre os ossos furando a pele da cara quadrangular, os olhos de ofídio brilhando num fogo frio, de óculos sem vidro nenhum, só os aros de ouro em armação no nariz afilado, [...] penteado e liso para trás, desconfiado e seco, poucas palavras necessárias, fungador nasante. (DICKE, 1982, p. 42)

e por sua atitude ao matar o irmão e o pai de Julita, moça que Caveira seduziu, engravidou e a abandonou:

Nove meses depois nascia uma criança, uma menina. A questão veio. O pai e o irmão da moça, um dia, em armas, o cercaram perto de uma porteira. O professor na luta tomou a faca de um deles e com ela matou os dois. Depois disso fugiu. Prenderam-no longe, numa venda de Águas Pretas, perto da capital, bêbado de muito beber e contando o peso da memória. (DICKE, 1982, p. 242)

Aliás, a aparência de Caveira não engana nenhum membro do bando. Mesmo aparentando não ser alguém que faça o mal a outro ser humano, Caveira é descrito por Garci como aquele que tem os “olhos de ofídio brilhando num fogo frio”. Tal construção denuncia a maldade de Caveira.

- Canguçu

Urutu apresenta essa personagem como “peste ruim” e responsável por mais de “cem mortes”:

– Este é o Canguçu, peste ruim, umas cem mortes no lombo, dizem, nem lembrança, nem remorso de tanto atropelo.
 – Bondade dele – diz um preto retinto que se achega, gordo, truncado, carapinha com cãs, nariz de caracol, brincos nas orelhas, a arcada superior dos dentes toda de ouro ao sorrir, duas fundas cicatrizes branquicentas, a cada lado da cara balofa. (DICKE, 1982, p. 42)

Deve-se destacar a referência a “duas fundas cicatrizes”, que em nenhum momento do texto o narrador explica a forma que a personagem as conseguiu. Apesar de que, em se tratando de um marginal, com muitas mortes nas costas, o leitor já prevê que o mesmo adquiriu-as em alguma luta ocorrida por aquele sertão afora.

- Pedro Peba

O líder do bando, ao referir-se a Pedro, diz que: “Este é o Pedro Peba, amansador de gente, caçador de onça e capitão” (DICKE, 1982, p. 43). Urutu

ao destacar as “qualidades” de Pedro Peba já demonstra que não é a toa que aquele sujeito faz parte de seu seletivo grupo de homens. São palavras cuja força semântica destaca características necessárias para que algum homem sobreviva naquela região rude e perigosa.

Acena de longe sem chegar-se, um enfardado cafuz, meão de cara em triângulo, nariz em anzol, olhos traiçoeiros como um poço turvo, meio calvo, sem orelhas nenhuma, braço amarrado em panos, manquitola da canhota. (DICKE, 1982, p. 43)

Além de sua aparência, o narrador ao dizer que Pedro Peba tem “[...] olhos traiçoeiros como um poço turvo, meio calvo, sem orelhas nenhuma, braço amarrado em panos, manquitola da canhota” evidencia a ruindade da personagem.

- **Bebiano Flor**

Esta personagem representa o trovador, o bufão, o palhaço. Como a própria descrição feita por Urutu, Bebiano Flor representa o aspecto artístico e cultural do bando, pois é a partir do entoar do violão de Bebiano Flor que os demais membros do bando declamam versos populares, cantam e bebem.

– E este é o Bebiano Flor, boiadeiro e cantor. Poeta, moço gentil como ele só.

Faz primeiro uma reverência, a que os outros riem de seus gestos e dengues, parece ser um palhaço natural da corriola, um cabra alto, tirante para branco, meio embugrado, de bigode fino em til, cara redonda como uma lua, olhos gateados, cabelos lisos, muito moço ainda, e como um revolucionário, uma cinta vermelha lhe aperta a cintura, e tem mesmo algo de flor, algo de macho, entretanto uma gentileza de moça, aperta a mão de Garci, mão macia de quem nunca fez eito, somente tocou uma mão de donzela e punho de guitarra. (DICKE, 1982, p. 43)

Bebiano Flor, mesmo sendo apresentado como “cantor”, “poeta” e “gentil”, ao relatar a sua história de vida mostra a sua crueldade quando assassina Lucina, que matara, acidentalmente, Nanina, sua sobrinha:

Quando a moça saiu da água [Lucina], depois de lavado seu belo corpo, eles [Bebiano Flor e Nhão] a cercaram nua como estava e fresta ainda botejante, toda branca e a agarraram. Levaram-na despida como nascera, nua como quando está só e só ela sabe de si e do seu corpo ou cumpria seus amores como Bebiano ou outros amantes, esperneando e encheram-lhe a boca de folhas e a taparam com um lenço. Amarraram-lhe as mãos na frente e foram-na

obrigando a sentar-se sobre o tronco que aflorava do chão. (DICKE, 1982, p. 245)

Essa é a cena mais cruel do romance *Madona dos Páramos*, pois a ira calada de Bebiano Flor e Nhão culmina em um ato de vingança de extrema violência. Aqui, tem-se a manifestação concreta do mal na diegese da narrativa.

- Melânio Cajabi

Essa personagem surge na trama como um filósofo em meio àquele bando de foragidos, de homens perdidos, rumo a tal terra prometida. Suas reflexões são recheadas de questionamentos:

Entre nós esta estranheza esta vizinha esta amizade esta alegria esta beleza esta sabedoria; a verdade; cada um vai em busca de si mesmo, do que precisa, assim como os passarinhos; de longe lá dos seus homizios Deus nos olha: e eu acho que ele completa tudo, por isso somos incompletos, até nos encontrarmos com ele (talvez não sei), apesar de eu não gostar da idéia de sistemas que fecham e completam tudo, penso que com ele somos a Unidade: beleza, unidade, verdade, que mais falta? Tudo talvez, porque tudo está para sempre incompleto: por que eu choro, as minhas lágrimas cobrem o meu rosto por compreender porque nada está completo, nem a Morte, e a necessidade nos rói como o abutre a Prometeu e o acaso nos ronda a cada instante, seus olhos nos horizontes nos seguem: e um dos muitos nomes incompletos de Deus talvez seja esta palavra Necessidade e existe outra palavra: acaso e outra que rima com Deus: Adeus, palavras: palavras que ficam murmurando dentro de nós. E outra: Esquecimento. (DICKE, 1982, p. 417-418)

A descrição dessa personagem é feita aos poucos no interior da trama, porque, inicialmente, não pertencia àquele bando de homens. Melânio Cajabi aparece como um intruso, não foi apresentado nem convidado por Urutu, mas surpreendentemente é aceito por ele sem questionamentos.

A caravana dos presos fugidos, vestidos de meganhas, a cavalaria dos perseguidos, insólito, a mulada lenta, as bruacas bojudas, um mundo de moscas seguindo-os, como os cardumes de peixes segue o navio na sua rota pelo mar, seguindo Chico Inglaterra, a carne das cangalhas apodrece devagar e sempre, seguida de Urutu, o balofo rosado de Chico Inglaterra no seu trotar doloroso, o corpaço de Melânio Cajabi com sua papeira e seus tufo de cabelos vermelhos, enorme sarará pensativo com voto de trapista leigo, o Caveira com seus óculos, seu relógio e seu guarda-chuva preto, ridículo, em penacho, que não servem para nada, vem a moça com sua beleza estonteante, provocante, mesmo sem que ela o deseje, mas de rosto tristonho onde as lágrimas secaram. (DICKE, 1982, p. 99)

Poucas são as descrições que se encontra sobre Melânio Cajabi; as que existem são misturadas às das outras personagens. O voto de silêncio que fez é um ótimo subterfúgio para ele que está ali fugindo de um passado que o aflige e o entristece, pois a mulher amada fora assassinada só porque se apaixonara por ele e não por um membro da tribo cigana, a qual ela pertencia.

Melânio Cajabi junta-se ao bando porque vingara a morte da amada, conforme fragmento abaixo:

Os velhos ciganos, patriarcas da tribo, a mataram e juraram que te matariam também, mas nunca os levaste a sério, como levar a sério homens que eram homens como ele, só o sangue é que era diverso, nada mais! Levar os homens a sério? Ah, isso é que não... Eles a mataram e a enterraram nos seus cemitérios nômades, nunca soubeste aonde. E um dia, dois deles te cercaram e lutaram por duas horas a fio: ao fim, estavam mortos, estendidos no chão. Prenderam-te, estavas condenado a trinta anos, Cajabi. (DICKE, 1982, p. 330)

Fato interessante é que Melânio Cajabi é quem liberta a “Moça sem nome” do cativo do bando. Tal ato parece justificar-se quando a personagem diz o seguinte sobre si:

[...] sou Deus e sou o Diabo, graças a Deus e graças ao Diabo, não sou mudo, nunca fui, sou assim mesmo, foi de promessa como é sabido para meus papos diminuírem, e também junto com a promessa por minha amada, a cigana, quando ela morreu. Eu medo deles, os ciganos? Não tenho medo nenhum, assevero de viva voz. (DICKE, 1982, p. 385)

Melânio Cajabi, como mostra o fragmento acima, é dono de seu próprio destino. Nele, observa-se que o conflito entre o bem e o mal não existe. Parece-nos que essa personagem é predominantemente do bem; talvez seja por isso que o ato de libertar a moça seja designado a ele.

- “Moça sem nome”

Desde seu aparecimento na diegese, a moça é alvo das atenções e dos olhares cobiçosos de todos os homens do bando. No diálogo entre Garci e

Chico Inglaterra, encontram-se as primeiras impressões sobre a “moça sem nome”:

- Tem substância essa franga de cabelos pretos e peitões arrebitados que Urutu trouxe. Tem olho bom o esconjurado, que será que ele vai fazer com ela?
- Sei lá, isso são coisas deles dois... Eles que se arrumem. Ela agora é cativa, como escrava dele. (DICKE, 1982, p. 100)

O questionamento que encerra a primeira fala transcrita acima – “o que ele vai fazer com ela?” – é algo que aflige todos os homens do bando, desde o momento que a moça é sequestrada de sua casa até quando ela foge. Essa angústia em saber qual será o fim da moça sem nome, provoca inúmeros tormentos psicológicos, de forma que cada olhar, cada pensamento se volta para ela a todo instante.

A descrição dos momentos em que a moça é o alvo principal da imaginação do bando são aqueles em que a moça através de pequenos gestos se movimenta e esses movimentos fazem com que uma aura de sensualidade e de luxúria envolva e domine aqueles homens.

A moça sentiu uma mordidinha na aba da perna. Levantou o busto e repuxou a calça justa até em cima do joelho para coçar a picada de mosquito. A lua iluminava com sua luz calma e dourada aquele pedaço de pecado e a perna formosa fosforescia à luz com o alvor de leite e marfim, perfeita na curva desde o joelho redondo até os dedos do pé miúdo. (DICKE, 1982, p. 119)

A luz que envolvia a moça sem nome deixava-a, aos olhos cobiçosos que a observavam, iluminada tornando-a ainda mais desejável naquele momento. Ao que parece, a visão da moça sem nome motivava os homens aquela jornada em busca de um lugar que a diegese não deixa claro se existente ou não.

Em outra passagem o texto deixa claro a comparação da beleza da Moça sem nome com as deusas da antiguidade clássica:

A moça entrou mais, a água aos poucos foi subindo-lhe nas pernas, à medida que andava, as pernas grossas-belas, pernas greco-romanas, siríacas, micênicas, helênicas, tartéssicas, as coxas em ondas e as ancas maravilhosas, a garupa que se movia com precisão e cadência estudadas, se bem que muito natural para gravá-los como os pintores gravam na mente e no sonho da memória as precisões da forma e do conteúdo dos modelos que vêem para reproduzi-los depois, e ali estivessem, impressentidos, um cortejo de reais pintores atrás das

matas, espreitando-a, estudando-a, gravando a efígie do seu corpo encantador na lembrança para todo o sempre, para reproduzi-la em todas as reminiscências de todas as transmigrações, para acompanhá-los na vida e na morte, desde que a vida fosse vida e não para a extinção. (DICKE, 1982, p. 154-155)

A longa descrição que o narrador faz do momento em que a moça se banhava no rio, cercado por uma mata, faz referências à beleza das deusas míticas quando utiliza as palavras “greco-romanas”, “siríacas”, “micênicas”, “helênicas” e “tartéssicas”. No fragmento, os foragidos são transformados como que por magia, em escultores, pois estavam na presença de uma deusa do sertão e precisavam eternizar a imagem dela, realizada por meio da memória, que é eterna.

2. 2 – As personagens e o mal

A questão do mal é alvo de discussão por teólogos, filósofos, legisladores, enfim, por todos os responsáveis em estabelecer os códigos de conduta religiosos, sociais e mesmo as legislações civis de nossa sociedade. São essas regras que de certa forma permitem definir o que é do mal e do bem, o que é certo e errado, quais são as pessoas boas e ruins.

O filósofo Paul Ricoeur, no artigo *Le scandale du mal* (1986) observa que:

Le mal, c'est ce contre quoi on lutte, quand on a renoncé à l'expliquer. Or, il faut avouer que le prix à payer est plus élevé qu'on ne le suppose : le mal est rencontré comme une donnée inexplicable, comme un fait brut ;¹⁸ (RICOEUR, 1986, p. 107 -108)

Nessa perspectiva, ao analisarmos a diegese de *Madona dos Páramos* constatamos que a necessidade de ser violento para se sobreviver, no sertão, é a única explicação para que o mal se manifeste na existência das personagens do romance. Fazer o mal é algo que provoca instantaneamente o

¹⁸ O mal é aquilo contra o que lutamos, quando estamos decididos a não explicá-lo. Mas devemos admitir que o preço é maior do que o previsto: o mal é inexplicável como um fato, como um fato violento. – Tradução nossa.

sofrimento ao outro, trazendo angústias e desejos de vingança, estabelecendo o ciclo da violência no romance.

Em outro texto, *O mal: um desafio à filosofia e à teologia* (1988), Ricoeur aprofunda a questão do mal:

Que não se acredite que, acentuando a luta prática contra o mal, se perde de vista uma vez mais o sofrimento. Muito pelo contrário. Todo o mal cometido por um ser humano, já vimos, é um mal sofrido por outro. Fazer o mal é fazer sofrer a alguém. (RICOEUR, 1988, p. 48)

O sofrimento e o que resulta dele está presente no cotidiano das personagens no romance. As ações que resultam desse sentimento de dor é o que oprime as personagens no decorrer da narrativa, logo o mal e suas manifestações rondam a vida dos homens do bando e da “Moça sem nome”, como presença opressora e dominadora que os conduz à continuar com atitudes de violência contra seus companheiros

Dessa forma, nossa análise se volta para alguns fatos narrados pelas personagens que compõem o bando de Urutu, retratando cenas em que ocorreu a manifestação do mal em suas existências. Essas personagens parecem ser condicionadas ao diálogo travado entre nhá Tabita e José Gomes:

– Que lhe fiz?
 – Quer saber mesmo? Mataram minha mãe e meu pai e fiquei assim. Achei que não valia mais a pena nada. Os mata-cachorros, vancê o mesmo que eles. Nunca me cansarei de amaldiçoá-los. Amaldiçoados. Mil anos de praga não chegam nem dão, nunca trarão paz. (DICKE, 1982, p. 11)

As palavras amaldiçoadoras da mulher parecem definir a trajetória desses seres, que são atormentados pelo mal e suas consequências até o final do romance.

A presença do mal em *Madona dos Páramos* se fortalece a partir das tragédias individuais das personagens. O narrador possibilita a exposição de fatos que mostram manifestação do mal na existência de cada personagem ao delegar-lhes voz.

Sobre o mal, Paul Ricoeur afirma que:

No rigor do termo, o mal moral – o pecado em linguagem religiosa – designa o que torna ação humana objeto de imputação, de acusação e de repreensão. A imputação consiste em consignar a um sujeito responsável uma ação suscetível de apreciação moral. A acusação caracteriza a própria ação como violação do código ético dominante na comunidade considerada. A repreensão designa o juízo de condenação, em virtude do qual o autor da ação é declarado culpado e merece ser punido. (RICOEUR, 1988, p. 23)

Na trama, o narrador, pela própria voz ou pela voz das personagens, mostra o mal por meio de acontecimentos que poderão representar a “imputação”, ou seja, a atribuição de mal a outrem. Tomemos como exemplo este fragmento do diálogo travado entre Canguçu e a mãe, quando esta lhe incumbe a tarefa de vingar a morte do pai:

– Meu filho, nunca te esqueças que a única coisa que quero é que vingues o teu pai, que era o melhor homem do mundo. Gente como Nulfo gosta de exterminar com gente boa, toda pessoa de bondade. Eles adivinham acham a bondade uma doença. Seu sangue clama, não o ouve dentro de ti? Seu silêncio na sua cova, seu nome no cemitério, tudo fala para aqueles que gerou um dia, quando sua semente reverberava dentro de si, como uma luz que não se apaga... (DICKE, 1982, p. 274)

A mãe atribui a tragédia provocada pelo mal ocorrido em suas vidas ao coronel Nulfo, grande latifundiário do sertão que assassinou o pai de Canguçu. Esse fato, juntamente com as palavras da mulher, parece justificar os assassinatos cometidos por Canguçu posteriormente.

Em outra cena da narrativa, podemos observar a “acusação” na descrição que a “Moça sem nome” faz do bando. Para análise, destacamos apenas o que se refere a Pedro Peba:

[...] o Pedro Peba, esse sim já parece brabo, de brabo-ruim, apoquentador, facínora real, não só parece senão é ele quem ajudou com o Lopes e Urutu a matar-me os meus queridos, cheira a enxofre de traição e ruindade nos bofes por dentro e por fora, más entranhas [...] (DICKE, 1982, p. 126)

Sob olhar da personagem, constatamos a “acusação” de que Pedro Peba é “brabo-ruim” e auxiliou de bom grado Urutu e Lopes a assassinar o pai e o esposo da Moça, o que acarretou no seqüestro da mesma por Urutu. Isso desencadeou o sentimento de vingança – o mal - que atormenta a Moça ao longo da diegese.

A “repreensão” é retratada na narrativa durante o longo diálogo que os foragidos estabelecem, após a libertação e fuga da Moça sem nome. Os homens se desesperam e fazem conjecturas sobre os motivos e o destino da personagem. Nessa cena, as vozes dos homens do bando se misturam de tal forma que não é possível definir a quem elas pertencem.

– Ela é muito pura e simples, por isso encontrou o verdadeiro caminho. Nós, de nossa parte, nunca o encontraremos, nos perderemos cada vez mais. Ficaremos aqui vadeando sempre os mesmos círculos do encantamento. Somos maus demais, somos demônios ruins feitos para a tortura e a morte pior. Para todo o mal. Só os puros de coração sem maldade encontram o caminho e vivem eternamente. (DICKE, 1982, p. 369)

Observamos que as ações das personagens do romance podem ser analisadas sob estes aspectos citados e exemplificados anteriormente. Dessa maneira, a diegese caminha para que constataremos que a violência, necessária para a sobrevivência no sertão, é o mal causador de todo o sofrimento na trama. Para reforçar essa idéia temos a seguinte afirmativa de Ricoeur:

[...] é a violência exercida sobre o homem pelo homem: em verdade, fazer o mal é sempre, de modo direto ou indireto, prejudicar outrem, logo, é fazê-lo sofrer; na sua estrutura racional – dialógica – o mal cometido por um encontra sua réplica no mal sofrido por outro; (RICOEUR, 1988, p. 24-25)

As expressões “mal cometido” e “mal sofrido”, utilizadas por Ricoeur para analisar a questão do mal, nos servirá de referência para que possamos tipificar as personagens de *Madona dos Páramos* em dois grupos. Neles, as personagens foram agrupadas de acordo com a manifestação do mal no desenrolar da diegese.

No primeiro quadro – mal cometido – estão às personagens Urutu, Babalão Nazareno, Chico Inglaterra, Bebiano Flor, Caveira e Pedro Peba, agrupadas aqui porque intentaram violentamente contra os semelhantes, sem motivos que justificassem suas ações. Sentiam prazer na maldade.

Mal Cometido
Urutu
Babalão Nazareno
Chico Inglaterra
Bebiano Flor
Caveira
Pedro Peba

Essas personagens endurecidas, violentas e perversas materializam o mal em vários momentos da narrativa. Para que isso fique claro fizemos um levantamento dos acontecimentos em que o mal cometido por eles atingiram diretamente seus semelhantes. O quadro abaixo auxilia-nos na tarefa de localizá-los em *Madona dos Páramos*:

GRUPO MAL COMETIDO		
PERSONAGEM	FATO(S)	PÁGINAS
Urutu	- Via a morte das pessoas; - Assassinato de Lopes.	111 e 153
Babalão Nazareno	- Assassinato de seu seguidor soldado Mano; - Mentor intelectual do assassinato de Lopes.	251, 252 e 340
Chico Inglaterra	- Luxúria (assédio sexual).	140

Bebiano Flor	- Paixão incestuosa; - Assassinato (fratricídio); - Assassinato com requintes de crueldade.	182, 245, 267, 270 e 271
Caveira	- Seduziu e abandonou Julita grávida; - Assassinato do pai e do irmão de Julita.	241 e 242
Pedro Peba	- Assassinato do delegado que o pegara roubando.	278

No segundo quadro – mal sofrido – as personagens José Gomes, Ticiano Garci-Lopes, Canguçu, Melânio Cajabi, Lopes Mango de Fogo e “Moça sem nome” carregam a marca do sofrimento provocado por outros seres humanos. Por vezes, as personagens em sofrimento também provocam sofrimento em outros, mostrando a tragédia que os males cometidos aos semelhantes causam nas vidas dos outros.

Mal sofrido
José Gomes
Garci
Canguçu
Melanio Cajabi
Lopes Mango de Fogo
Moça sem nome

No quadro abaixo, apresentamos e apontamos os fatos e momentos em que as personagens sofreram com as ações maléficas de outro em suas vidas. Esses fatos provocaram tragédias pessoais de consequências infinitas.

GRUPO MAL SOFRIDO		
PERSONAGEM	FATO(S)	PÁGINAS
José Gomes	- Foi traído por sua esposa Candi.	21, 22 e 23
Garci	- Constantemente era humilhado pelo seu superior o sargento Careca.	26, 27, 28, 246 e 253
Canguçu	- Teve seu pai assassinado pelo coronel Nulfo.	272 e 273
Melânio Cajabi	- Dois ciganos assassinaram sua amada.	330
Lopes Mango de Fogo	- Foi caluniado por Babalão e assassinado por Urutu.	111 e 115
Moça sem nome	- Assassinaram seu pai e marido na sua frente.	305, 306 e 316

Os quadros acima, nos mostram fatos que pontuaram, e que de certa forma, contribuíram para que o destino de cada personagem fosse traçado de acordo com a intensidade das tragédias que os afligiram. Para reforçar essa afirmativa recorreremos às palavras de Paul Ricoeur (1986, p. 105): “En effet,

dans la mesure où l'homme fait souffrir l'homme, le pâtre sort, d'une certaine façon de l'agir: la méchanceté, la violence, produisent de la souffrance.”¹⁹ , portanto o cenário embrutecido em que os homens do bando de foragidos vivem, os obriga a agir com violência e isso traz a presença do mal para a vida de cada um. A narrativa de *Madona dos Páramos* nos conduz à reflexão da questão do mal e a o sofrimento provocado por ele na existência das personagens do romance.

¹⁹ De fato, agimos com violência na medida em que o homem faz sofrer o homem, desencadeia no seu destino: a violência e o mal, produzindo dor. – Tradução nossa

Considerações finais

Este trabalho tentou mostrar uma visão panorâmica da vida e obra de Ricardo Guilherme Dicke e traçou o perfil das personagens de *Madona dos Páramos* (1982) e a relação delas com o mal. Por meio do procedimento de pesquisa utilizando as poucas publicações disponibilizadas sobre a obra dickeana, bem como realizando o trabalho de seleção de reportagens e entrevistas publicadas nos meios eletrônicos, foi possível mostrar um pouco da representatividade dos textos de Dicke.

A opinião da crítica especializada a respeito da obra do escritor ainda é muito escassa, mas é possível acessar algumas coletâneas de artigos e pesquisas acadêmicas sobre sua obra para servir de respaldo e possibilitar a análise de alguns aspectos dos textos de Dicke.

Ricardo Guilherme Dicke nasceu e cresceu no meio do sertão mato-grossense, local em que a dureza da vida se faz presente desde cedo. Assim, conviver com a natureza embrutecida dos relacionamentos e com a rusticidade daquela terra molda as personalidades e os sentimentos desses seres que, bem a seu modo, pensam e agem de forma que possam sobreviver às adversidades.

No romance analisado, as personagens se unem por um único motivo: todas convivem com a presença do mal em suas vidas. Mal que se engendra de forma quase imperceptível, mas que paulatinamente domina a existência de cada uma das personagens.

As personagens do romance – a “Moça sem nome”, José Gomes, Ticiano Garci-Lopes, Urutu, Canguçu, João Enzóis Buzamão (Caveira), Bebiano Flor, Pedro Peba, Babalão Nazareno, Chico Inglaterra, Melânio Cajabi e Lopes Mango de Fogo – foram categorizadas utilizando os postulados teóricos de Paul Ricoeur sobre “mal cometido” e o “mal sofrido”. No primeiro, encontram-se aquelas que provocam o sofrimento de outro por meio de suas atitudes, tornando-se os verdadeiros algozes de suas vítimas; No segundo, encaixam-se aquelas que, em razão do mal que lhes foram cometidos, têm o sofrimento como condutor de suas vidas.

Dessa forma, as tragédias individuais vivenciadas por cada um serviram como meio para que se chegasse ao denominador comum na análise de *Madona dos Páramos*: o mal presente na vida de cada personagem é o único elemento que faz com que estejam unidos em busca de um mesmo objetivo,

que é o de encontrar a Figueira-Mãe que, segundo elas, é o paraíso para os que se encontram foragidos de nossa sociedade.

O percurso que essas personagens fazem pelo sertão afora, ao que parece, é a uma jornada de confissão dos pecados de cada uma, como se isso fosse a única forma de estarem com os corações puros, e dessa forma possam encontrar aquele paraíso sobre a terra.

No fragmento abaixo há um exemplo disso:

O que se sabe ao certo, em real, é que é direção de homizio, as cidades do asilo, santidade de proteção, um lugar perdido no maior sertão do norte, no tuaiá do mato-grossos, que todos os perseguidos almejam encontrar. Se procuram com fervor, de coração limpo, acabam encontrando, se não tem fé, não acham nunca, porque o homizio se esconde, é a lei da lenda. (DICKE, 1982, p. 16)

As palavras “Se procuram com fervor” e “ de coração limpo” representam os atributos necessários para que qualquer que seja o foragido possa encontrar a Figueira-Mãe. O narrador de *Madona dos Páramos* dá voz às personagens fazendo com que estas confessem como o mal engendrou em suas vidas. Essas confissões é a passagem para que conquistem o direito de chegar àquele paraíso, livres dos códigos de conduta religiosos, sociais e as legislações civis que regem a sociedade da qual se encontram à margem e para qual se torna impossível retornar.

Referências

AMÉRICA, TV Centro. **Notícias**. Disponível em:
<<http://rmtonline.globo.com/noticias.asp?em=2&n=398016&p=2>>. Acesso em
15 Jul. 2011.

ARISTÓTELES, Horácio, Longino. A Poética clássica. São Paulo: Cultrix, 1992.

BAPTISTA, Martha. **Festival de Livros lança obras inéditas de Ricardo
Guilherme Dicke, nosso escritor maior**. Publicado em: 16 jun.
2011. Disponível em:
<<http://www.dihitt.com.br/barra/festival-de-livros-lanca-obras-ineditas-de-ricardo-guilherme-dicke-nosso-escritor-maior>>. Acesso em: 18 jun. 2011.

BARBOSA, Everton Almeida. A transculturação na narrativa de Ricardo
Guilherme Dicke. 2006. 122 f. **Dissertação** (Mestrado em Estudos da
Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso.

BRAGA, João Ximenes. **Ricardo Guilherme Dicke: prisioneiro de um
ostracismo cruel**. Publicado em: 11 jul. 2008. Disponível em:
<<http://blog.revistabula.com>>. Acesso em: 01 mai. 2009.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CAMPOS, Jean. **Exposição de quadros de Ricardo Dicke será aberta hoje
ao público**. Publicado em: 10 nov. 2006. Disponível em:
<www.cultura.mt.gov.br>. Acesso em: 05 abr. 2009.

CANDIDO, Antonio. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva,
1970.

_____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000.

_____. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CARVALHO, Juliano Moreno de. Do sertão ao litoral: a trajetória do escritor
Ricardo Guilherme Dicke e a publicação do livro “Deus de Caim” na década de
1960. 2005. 119 f. **Dissertação** (Mestrado em Estudos da Linguagem) –
Universidade Federal de Mato Grosso.

DICKE, Ricardo Guilherme. **Deus de Caim**. Rio de Janeiro: Edinova, 1968.

_____. **Como o silêncio**. São Paulo: Clube do Livro, 1968.

_____. **Caieira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. **Madona dos Páramos**. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

_____. **Último Horizonte**. São Paulo: Marco Zero, 1988.

_____. **A chave do abismo**. Cuiabá: Fundação Cultural de Cuiabá, 1989.

_____. **Cerimônias do esquecimento**. Cuiabá: Editora da UFMT, 1995.

_____. **Conjunctio Oppositorum no Grande Sertão**. Cuiabá: Editora da UFMS, 1999.

_____. **Rio abaixo dos vaqueiros**. Cuiabá: Secretaria Estadual de Cultura, 2000.

_____. **O salário dos poetas**. Cuiabá: Secretaria Estadual de Cultura, 2001.

_____. **Toada do esquecido & Sinfonia Eqüestre**. Cuiabá: Catedral Publicações & Carlini e Caniato Editorial, 2006.

_____. **Cerimônias do sertão**. Cuiabá: Catedral Publicações & Carlini e Caniato Editorial, 2011.

_____. **Os Semelhantes**. Cuiabá: Catedral Publicações & Carlini e Caniato Editorial, 2011.

_____. **A proximidade do mar e a Ilha**. Cuiabá: Catedral Publicações & Carlini e Caniato Editorial, 2011.

_____. **O Velho Moço e outros contos**. Cuiabá: Catedral Publicações & Carlini e Caniato Editorial, 2011.

FALCÃO, Lorenzo. **1º Dicke em 3.ª edição**. – Publicado em 18/08/2010. Artigo disponível no Jornal Diário de Cuiabá/ edição online: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=377121&edicao=12788&anterior=1>>. Acesso em: 02 dez. 2010.

FERREIRA, Alexandre Figueirôa. **Nacionalismo, comunidade e memória no Brasil Imaginário do DOC-TV1**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2300-1.pdf> > Acesso em: 01 dez. 2010.

FERREIRA, Eduardo. **A nova literatura produzida em Mato Grosso – I**. Publicado em: 09 out. 2006. Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/overblog/a-nova-literatura-produzida-em-mato-grosso-i>>. Acesso em: acesso em: 14 maio 2009.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Porto Alegre, 1974. Livraria José Olympio Editora S.A., 1969.

GAHYVA, Sabrina. **Exposição retrata universo pictórico do escritor Ricardo Dicke**. Publicado em: 10 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.topcuiaba.com.br/conteudo.php?sid=4&cid=1431&parent=4>>. Acesso em: 23 de maio de 2009.

KRAMER, Samuel Noah. **Mesopotâmia o berço da civilização**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

LEITE, Mário Cezar (org.). **Mapas da Mina: estudos de literatura em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

MACHADO, Madalena Aparecida. **Último horizonte no limiar de um sentido**. In: XI ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC – LITERATURAS, ARTES E SABERES, 2007, São Paulo. E-book. Artigo disponível em: <<http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/64/1437.pdf>>. Acesso em: (????)

_____, Madalena Aparecida (org.); MAQUÊA, Vera (org.). **Dos Labirintos e das Águas: Entre Barros e Dickes**. Cáceres: Ed UNEMAT, 2009.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da Literatura de Mato Grosso**. Cuiabá: UNICEM Publicações, 2001.

_____, Hilda Gomes Dutra. **Literatura e poder em Mato Grosso**. Brasília: SCO, 2002.

_____, Hilda Gomes Dutra. **Relações de Poder na Literatura da Amazônia Legal**. Cuiabá: EdUFMT, 2002.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária – Prosa**. São Paulo: Cultrix, 1985.

MAXIMIANO, Rafaela. **Biblioteca “Ricardo Guilherme Dicke” será inaugurada em Várzea Grande**. Publicado em: 25 ago. 2008. Disponível em: <http://www.varzeagrande.mt.gov.br/portal/noticias_detalhes.php?id=11838>. Acesso em: 14 mai. 2009.

MEDEIROS, Jotabê. **Adeus & Obrigado Dicke**. Publicado em: 14 jul. 2008. Disponível em: < <http://medeirosjotabe.blogspot.com/2008/07/adeus-obrigado-dicke.html> > . Acesso em 29 Jul. 2010.

_____, Jotabê. **Livro traz universo do "filósofo da Chapada"**. Publicado em: 20 jul. 2008. Disponível em: < <http://paginadoenock.com.br/home/post/629>>. Acesso em 29 Jul. 2010.

MELANCHOLICUS, Tyrannus. **Sexta-feira, 24 de junho de 2011**. Disponível em: <<http://tyrannusmelancholicus.blogspot.com/2011/06/um-diamante-encontrado-em-algum-garimpo.html>>. Acesso em 10 Jul. 2011.

MELLO, Wanda Cecília Correa de. De autores e autoria: um recorte da construção de campo literário em Mato Grosso. 2006. 162 f. **Dissertação** (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso.

MENDONÇA, Rubens de. **História da literatura mato-grossense**. 2. ed. especial. Cáceres: Unemat, 2005.

MIGUEL, Gilvone Furtado. O entre-lugar das oposições no sertão: um estudo do romance Madona dos Páramos. 2001. 168 f. **Dissertação** (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Goiás.

_____. O imaginário mato-grossense nos romances de Ricardo Guilherme Dicke. 2007. 312 f. **Tese** (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Goiás.

OVERMUNDO. **Mato Grosso em terras lusitanas**. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/mato-grosso-em-terras-lusitanas>>. Acesso em 14 Jul. 2011.

RANGEL, Adriane. **AL reconhece a obra de Ricardo Guilherme Dicke**. Disponível em: <http://www.al.mt.gov.br/v2008/ViewConteudo.asp?no_codigo=7496>. Acesso em: 23 mai. 2009.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

RICOEUR, Paul. **O mal: um desafio à filosofia e à teologia**. Trad. Maria da Piedade Ela de Almeida. Campinas: Ed. Papyrus, 1988.

_____, Paul. **Lê scandale du mal**. Publicado 1988. Disponível em: <http://www.esprit.presse.fr/archive/review/article.php?code=7737>. Acesso em: 22 jun. 2011.

SANTOS, Marcio Renato dos. **Da esfinge à impossibilidade de se comunicar**. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&lista=&secao=25&subsecao=0&ordem=1123&submenu=0&semlimite=todos>>. Acesso em: 14 mai. 2009.

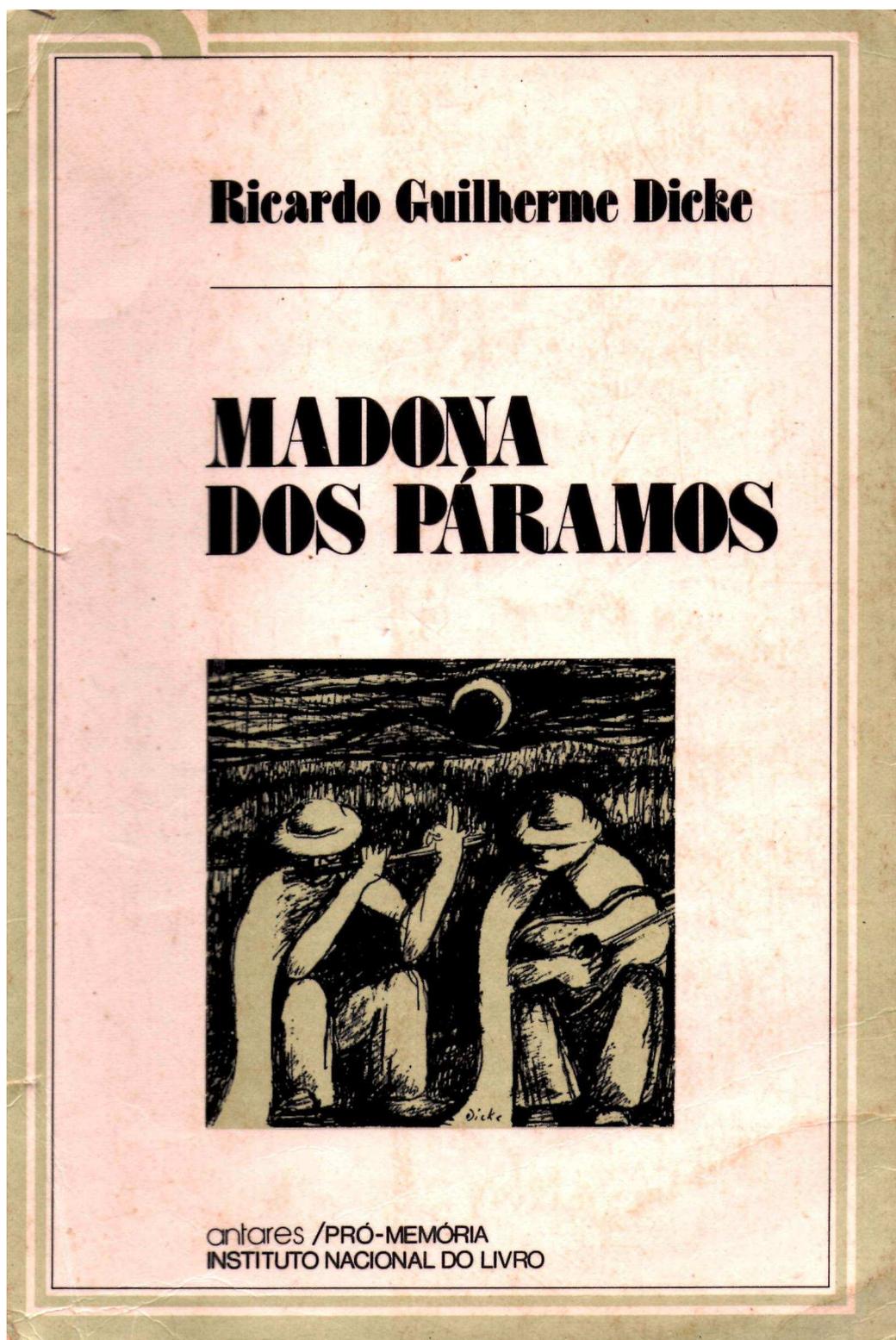
SPELLER, Paulo. **Discurso Doutor Honoris causa a Guilherme Dicke**. Publicado em 10 dez. 2004. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/institucional/reitoria/palavradoreitor/101220041.htm>>. Acesso em: 14 mai. 2009.

Secretaria de Estado de Cultura Galeria Mato-grossense de Artes Visuais. **Catálogo da Exposição: Ricardo Guilherme Dicke, Pintor – A outra face do escritor – 10 a 30 de novembro de 2006**.

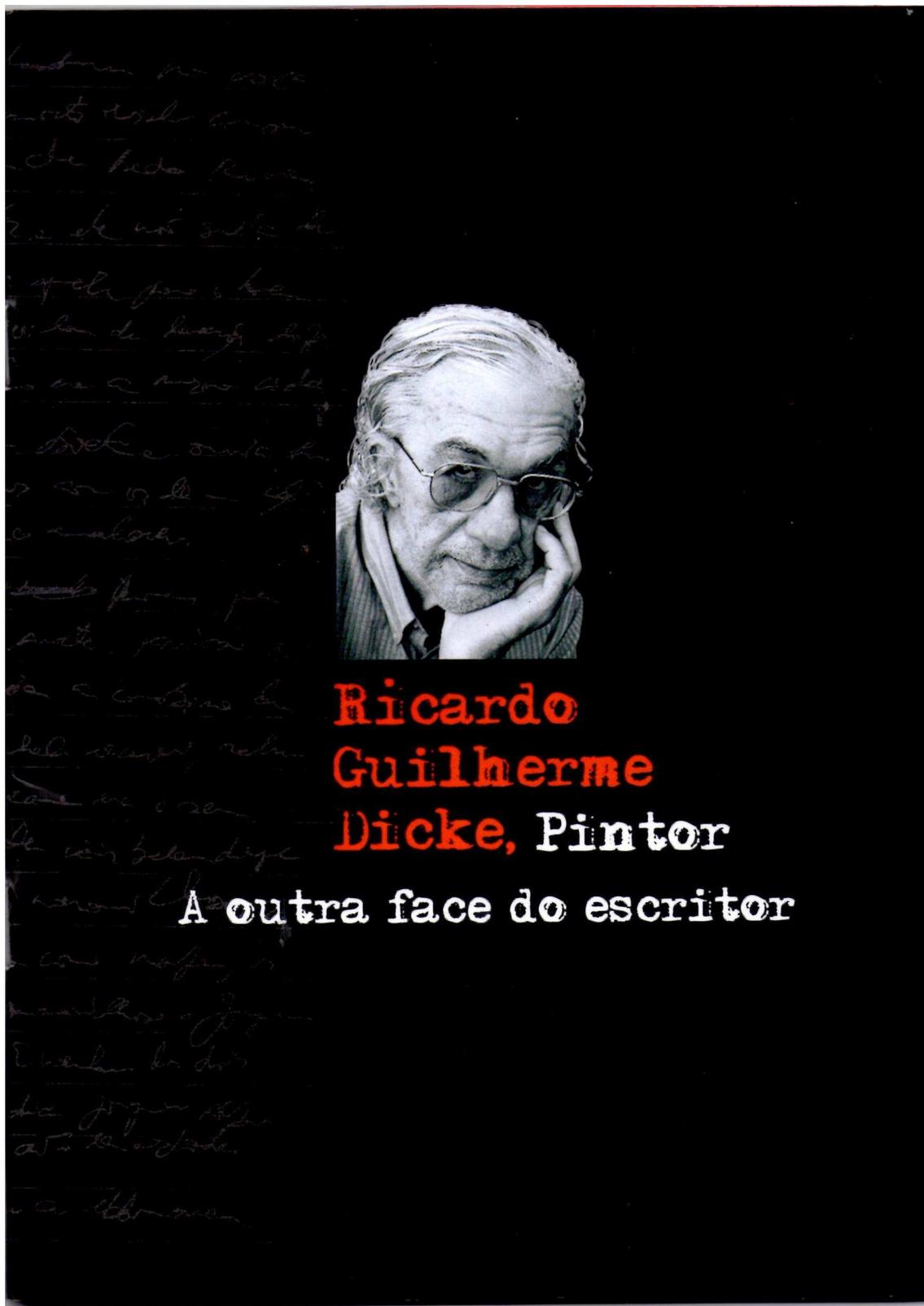
TANGARÁ, Amaury, 2007, **Salário dos Poetas** - co-produção Cia DArtes do Brasil, <http://www.overmundo.com.br/agenda/salario-dos-poetas-co-producao-cia-dartes-do-brasil-teatro-o-bando-de-pt>). Acesso em: 14 mai. 2009.

UFMT outorga título de Doutor Honoris Causa a Ricardo Guilherme Dicke. Publicado em: 13 dez. 2004. Disponível em: <http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_dentrodocampus_bgjja.htm>. Acesso em: 21 mar. 2009.

ANEXOS

ANEXO A – Capa do livro *Madona dos Páramos* (1982)

ANEXO B – Cópia documento distribuído na exposição *Ricardo Guilherme Dicke, Pintor: A outra face do escritor*





**Ricardo
Guilherme
Dicke, Pintor**

A outra face do escritor

10 a 30 de novembro de 2006

Secretaria de Estado de Cultura
Galeria Mato-grossense de Artes Visuais
Av. Getúlio Vargas, 247 - Centro
Cuiabá/MT

Participamos a nossa primeira exposiçaõ de Pintura,
a realizar-se de 10 a 12 de junho do corrente ano, no hall do
Grande Hotel, sito à Av. Pres. Vargas, das 16 às 21 horas.
Aguardamos sua presença.

Atenciosamente.
Ricardo G. Dicke

Cuiabá, 8 de junho 1965.

Grande Hotel - 1965

Palco da 1ª individual de Guilherme Dicke

Cuiabá - Mato Grosso - 1955



Fonte: IPDU - Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano

Confissões de um alter ego

Lorenzo Falcão

Jornalista e Escritor

Quarenta e um anos depois de expor seu trabalho no Grande Hotel, Ricardo Guilherme Dicke recoloca sua arte plástica no mesmo local, atualmente, a Secretaria de Estado de Cultura. O filho pródigo da arte mato-grossense nos mostra o outro lado de sua fecunda criatividade. Bem-vindo seja.

Imitar a vida é a sina do artista, conforme ensinavam os sofistas, quase quinhentos anos antes de Cristo. Uma colocação, digamos, aceitável para enquadrar o efeito resultante da dramática relação entre pessoas, cuja sensibilidade extrapola o lugar comum, e a própria vida.

Estudiosos da arte brasileira costumam registrar que a produção dos nossos artistas, de uma forma ou de outra, retrata a nossa realidade social. No caso de Ricardo, porém, há que se considerar com rigor sua elevada erudição e seu rico imaginário. Características notáveis da sua literatura que impregnam também sua verve pictórica.

As cores e as formas que ele impõe na sua pintura são uma extensão do que ele tão bem sabe dizer literariamente. Parece brincar de esconde-esconde com os significados, ao mesmo tempo em que expõe os segredos de uma estética original, sagrada. A figura humana é tratada com carinho especial em sua plástica que demanda traços e combinações cromáticas variantes. As cores em algumas telas são mais alegres, vivas, enquanto em outras, os tons escuros evocam uma certa tristeza. Não

há um estilo fixo e o que aflora é o conjunto de uma obra, cujo autor, parece se permitir a influências de diferentes estilos da pintura universal.

Na plástica de Ricardo há viagens que parecem fazer escalas nas artes que provêm de inspirações como os improvisos de Kandinsky, o cubismo de Picasso, a sensualidade lânguida de Klimt. Marc Chagall e Di Cavalcanti podem ser lembrados em alguns de seus quadros. Suas mulheres, com seus pescoços meio compridos sugerem, às vezes, o trato que Modigliani dava àquelas que retratava. Essas referências clássicas, entretanto, jamais comprometem a força original da pintura de Dicke, já que neste artista a erudição funciona como um contraponto a compor com idéia própria muito forte, do ponto de vista autoral.

Cada quadro ou desenho seu é um romance/novela a desbaratar nossa preguiça físico-química de lidar com coisas nem sempre muito claras que nossas retinas mordem e, fustigadas, repassam para o cérebro assuntar. Dicke nasceu antes do rótulo. Começou a pintar quando já tinha mais de 25 anos, numa época em que não era comum a expressão multiartista, palavra que lhe cabe tão bem. E quanto mais adentrado e conhecedor do reino das artes for o apreciador do talento desse artista, melhor. Poderá essa pessoa apreender mais e mais das entrelinhas engendradas na arte de Ricardo.

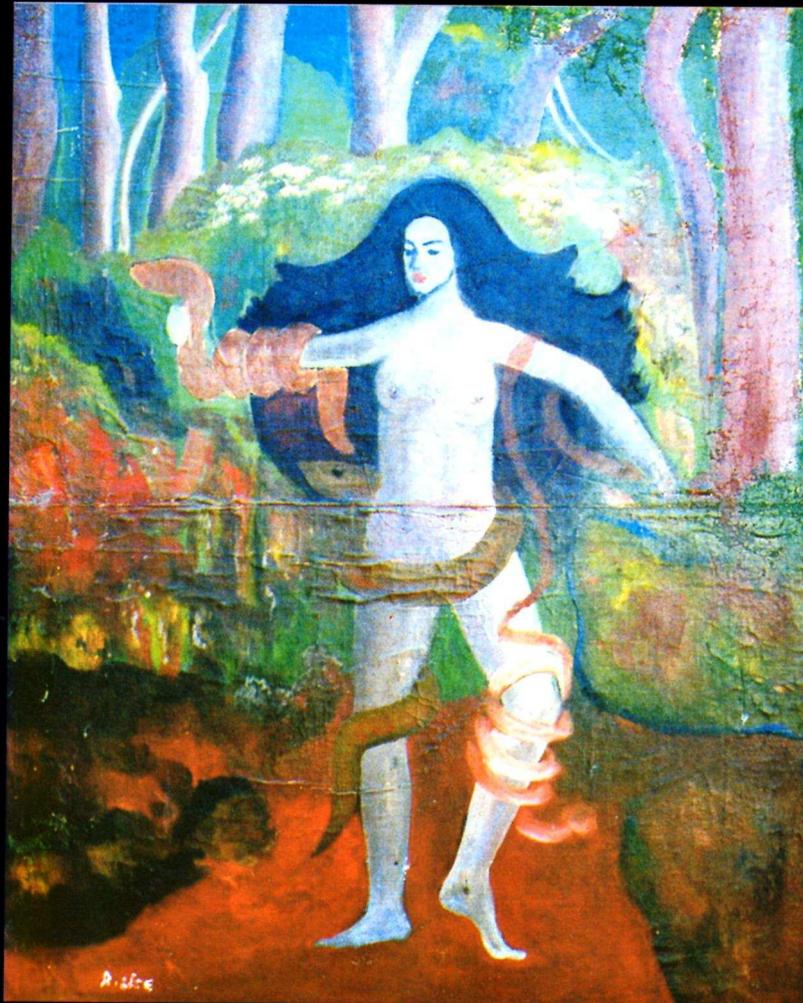
A suposta complexidade que estampa em sua literatura, e que podem acusar também em sua pintura, acredito que sejam cúmplices da bagagem cultural que tem origem no caráter universal de

conhecimentos e coisas desta e de outras vidas que Ricardo Dicke conspira. Arte retumbante essa dele. Que quer dizer muitos significados, porém, para poucos entenderem na completude. Mas, afinal, o que seria do produto do artista sem a possibilidade do desentendimento que deve estar sempre presente na obra de arte?

Para os conhecedores da literatura quilométrica de Ricardo, apreciar sua plástica é uma tarefa quase lúdica, repleta de pontos de convergência. Para os não iniciados em seu texto esta exposição, tomara, além de propiciar o contato com uma arte genuína, há de funcionar como um passaporte, um atalho, para se enveredar no filosófico e imagético texto que só ele sabe inventar. Fico a me indagar se essa mostra, que faz uma revisão da plástica desse genial artista mato-grossense, soará assim tão indelével à visão laica da hora.

Consideremos, pois, que ver é mais palatável do que ler neste tempo onde tudo é demais de urgente. Curto e grosso: veja Dicke e depois o leia. E após a leitura, reveja sua arte plástica. Sucessivamente. Permita-se a este círculo vicioso enriquecedor para a alma daqueles que desconfiam que a arte é mesmo a ciência do belo.

Não comparei a literatura e a plástica que emanam de Ricardo por acaso. Entrevejo sua pintura com o mesmo prazer que enfrento suas letras. Certa vez tive o prazer de interpretar, num documentário, o alter ego de Ricardo Guilherme Dicke. Ainda não consegui me desvencilhar desse personagem, mas isso não tem a menor importância. Chegou a hora de assinar estas confissões.



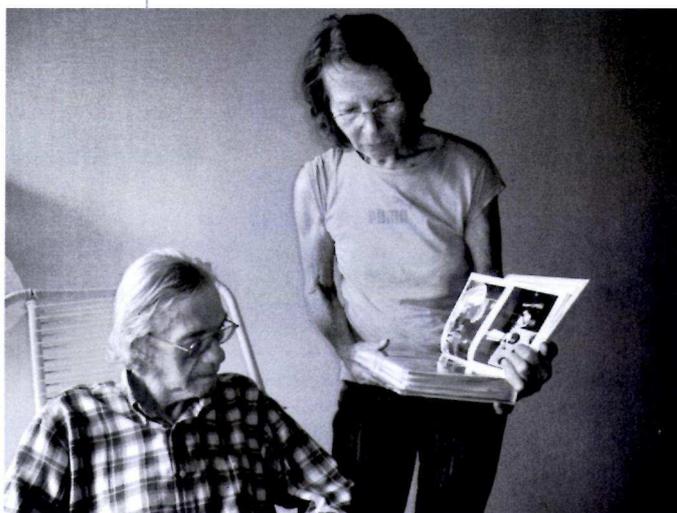
“Anjo e Serpente” - 1960 - óleo s/ tela - 80x60cm

Uma história de amizade

Dalva de Barros

Artista Plástica

*Dalva Maria de Barros
e Guilherme Dicke*



Meu primeiro contato com as pinturas de Guilherme Dicke ocorreu nos anos sessenta, através de uma exposição no Grande Hotel.

Essa mostra assinalava um acontecimento artístico numa Cuiabá resumida a pouca e quase nenhuma manifestação de arte.

Estava diante de uma mostra com a presença do artista que observava com um olhar enigmático o vaivém das pessoas em torno das obras. Desejei falar com ele, cumprimentá-lo, faltou-me coragem,

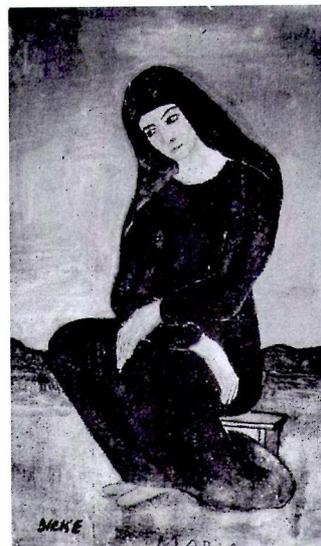
contentei-me apenas em contemplar as suas pinturas.

No final dos anos 60 encontrava-me no Rio de Janeiro, estudando na Escola Nacional de Belas-Artes, todas as vezes que eu ia às aulas cruzava com o escritor e também pintor cuiabano, Guilherme Dicke.

Mas esse encontro de verdade aconteceu em Cuiabá, quando fizemos parte de um júri de música popular, aí começou efetivamente nossa amizade.

Um dos momentos mais felizes dessa amizade foi quando ele se dispôs a escrever sobre minhas pinturas, guardei por muito tempo esse texto, finalmente foi publicado no livro “Garimpos da Memória” de autoria da crítica de arte Aline de Figueiredo.

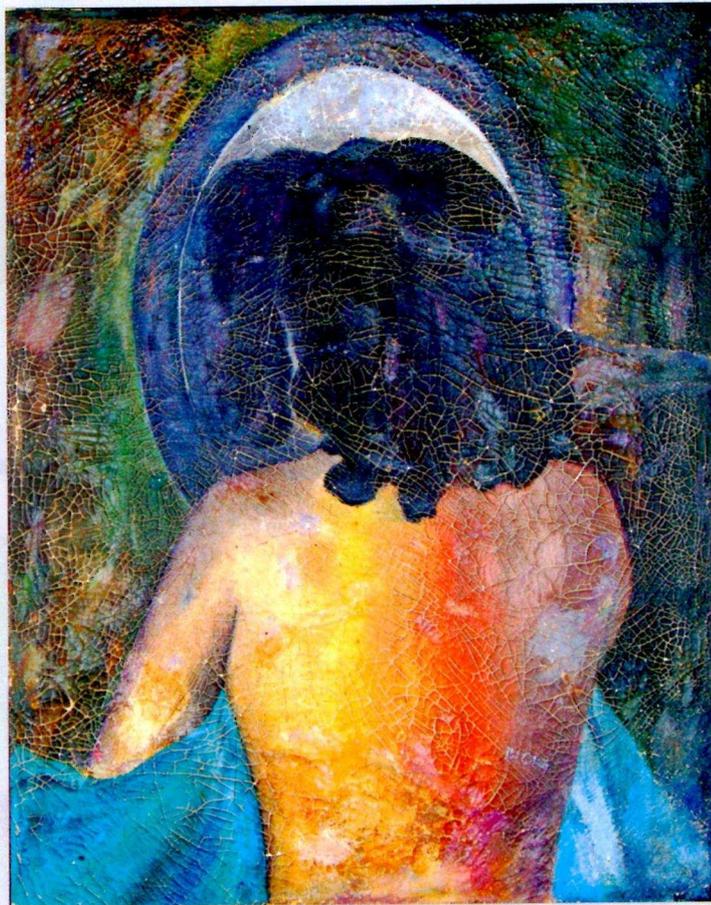
Durante todos esses anos tenho acompanhado com admiração a trajetória desse maravilhoso escritor e pintor.



Maria - 1970 - óleo s/ tela 20x60cm



“Quartel 16° BC” - 1960 - óleo s/ tela - 20x40cm



“Mulher Diante do Espelho” - 1960 - óleo s/ tela - 60x50cm



“Mulher com Gato” - 1962 - óleo s/ tela - 25x30cm

Sua Segunda Arte

Gervane de Paula
Artista Plástico

Ricardo Guilherme Dicke nasceu em 1936, no município de Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso. É considerado um dos grandes nomes da literatura brasileira. Autor de uma vasta obra, que inclui romances, contos e poesias. Paralelo a literatura dedicou-se a pintura durante um longo período.

Em 1963 transferiu-se para o Rio de Janeiro onde estudou filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no mesmo período estudou pintura e desenho no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), sob orientação de Franck Schaeffer e Ivan Serpa.

Ao retornar a Cuiabá em 1973, Dicke revela sua outra face. O pintor. Virtude que muitos por aqui, desconhecem até os dias de hoje. Reencontra sua cidade e seus conterrâneos, entre eles, os pintores João Pedro de Arruda, Dalva de Barros e Ignês Corrêa da Costa, (1907- 1987) a quem ele responsabiliza e agradece por incentivá-lo a continuar pintar e a expor individualmente pela primeira vez suas obras. A exposição ocorreu na época nas dependências do Grande Hotel, (antigo Bemat – Banco do Estado de Mato Grosso, atualmente Secretaria de Estado de Cultura).

Suas pinturas são fortemente marcadas pelo expressionismo, movimento pictórico alemão cuja característica carrega na sua fatura artesanal forte carga de dramaticidade expressiva. Dicke utilizou dessa escola para pintar as paisagens de Cuiabá, interiores, retratos e auto-retratos,

O artista também foi influenciado pelo surrealismo de André Breton e o simbolismo no qual a Mulher é tema recorrente. Ela é ao mesmo tempo musa,

ninfa, cortesã, é cisne e serpente. A composição de seus quadros organiza-se de modo linear na qual a figura feminina é vista sempre em primeiro plano com a composição se fechando e abrindo por uma janela ou um segundo quadro, as cores escuras lembram fortemente as pinturas do pintor brasileiro Di Cavalcanti.

O artista dedicou-se a pintura até 1980. No entanto, pintou e desenhou com a mesma dose de paixão que escreveu seus romances mais célebres e contundentes como Deus de Caim (Prêmio Walmap - 1968) e Caieira (Prêmio Clube do Livro -1969).

A verdade é que paralelo à literatura, sua primeira arte, Dicke construiu também um conjunto de obras de grande qualidade estética. São pinturas, desenhos e guaches que somam um total de mais de quinhentas obras. Esse acervo encontra-se provisoriamente abrigado em sua residência.

Para essa exposição, foram selecionados 30 trabalhos, que representam momentos distintos de sua trajetória.

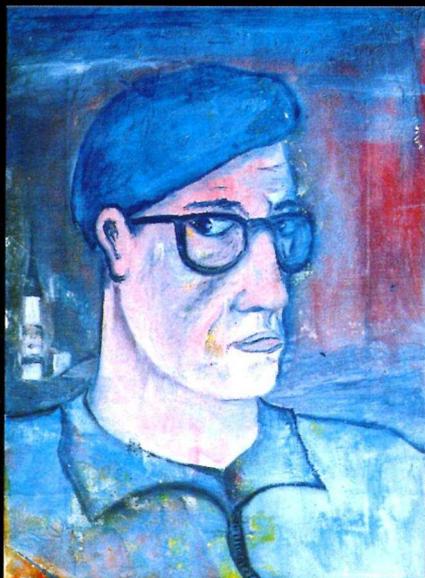
A exposição certamente deve contribuir para conhecermos a outra face artística do romancista Ricardo Guilherme Dicke. Ao mesmo tempo compreender a sua presença e importância na história das artes plásticas em Mato Grosso, no começo do século XX. Como ele próprio resume ao comentar tal façanha vivida pela pioneira Ignês Corrêa da Costa, a primeira pintora moderna do Estado - "O mundo rodava, o Brasil se metamorfoseava e aqui em Cuiabá ninguém dava muita atenção para esta pioneira da arte: Ignês Corrêa da Costa. Naquele tempo eu pintava também, e acho que ela intimamente gostava de ter um colega de pintura".

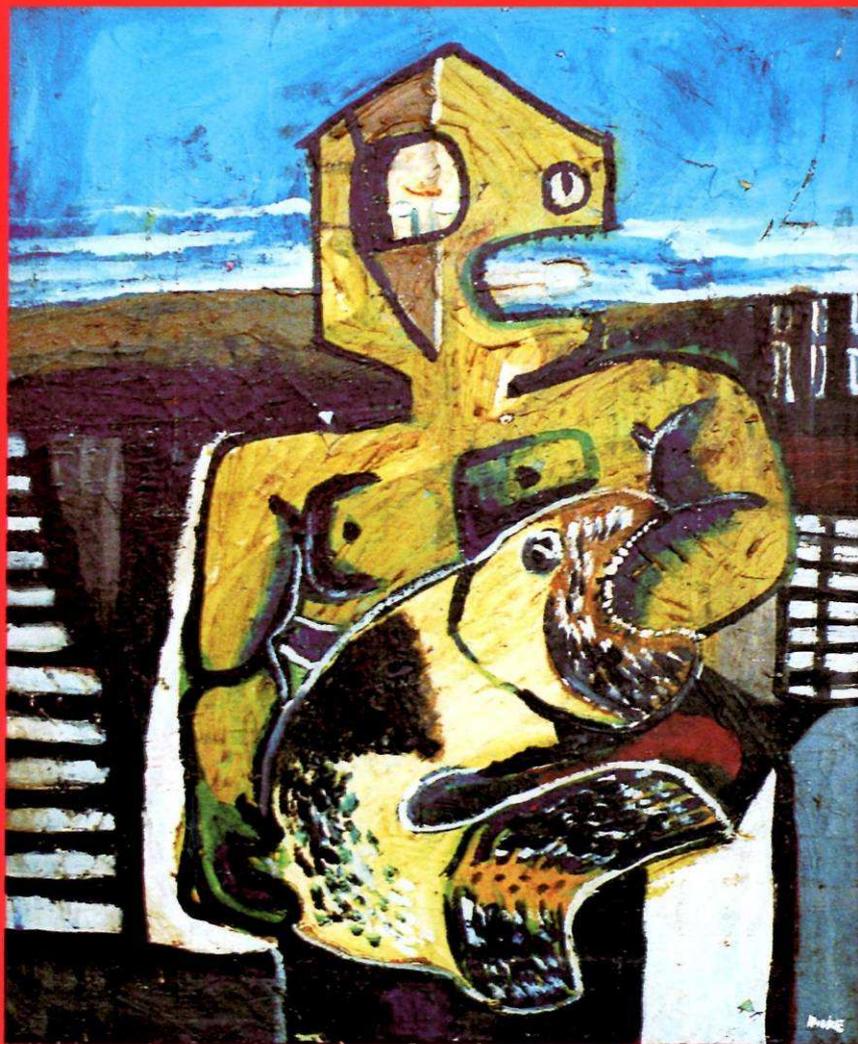


“Paisagem” - 1950 - óleo s/ tela - 60x60cm

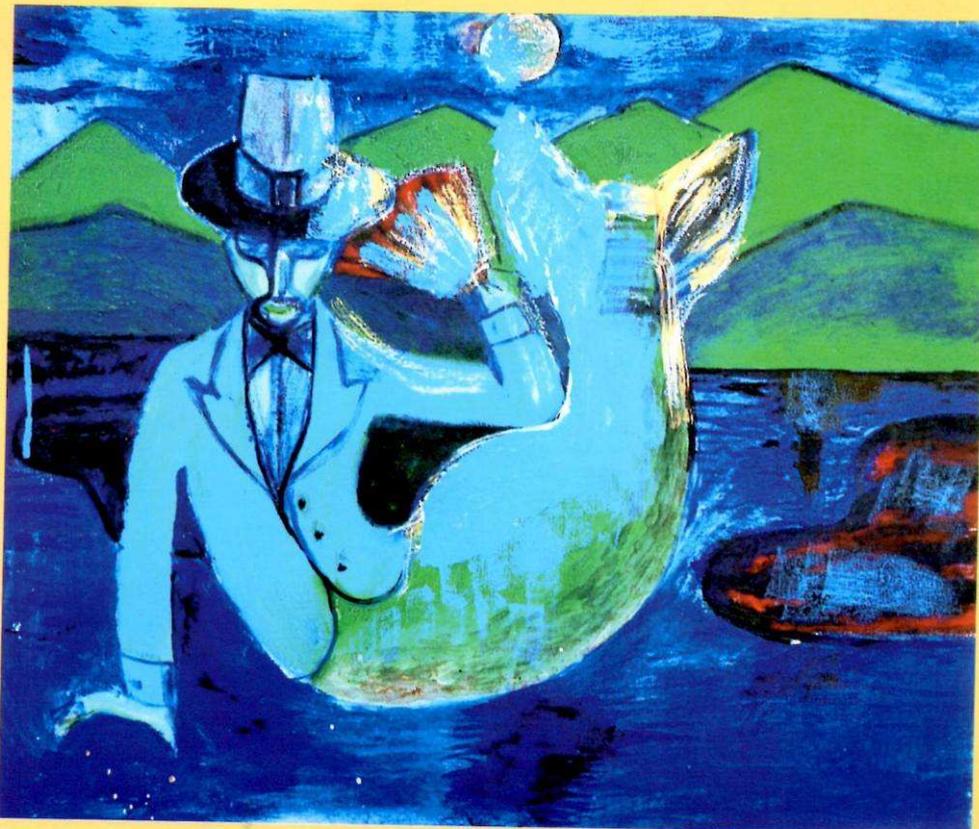


Auto-Retratos





"Pescador" - 1962 - óleo s/ tela - 50x70cm



“Homem Peixe” - 1980 - óleo s/ tela - 40x50cm



“Homem Peixe” - 1980 - óleo s/ tela - 50x60cm



"Mulher Gato"
1965 - guache s/ papel
30x50cm



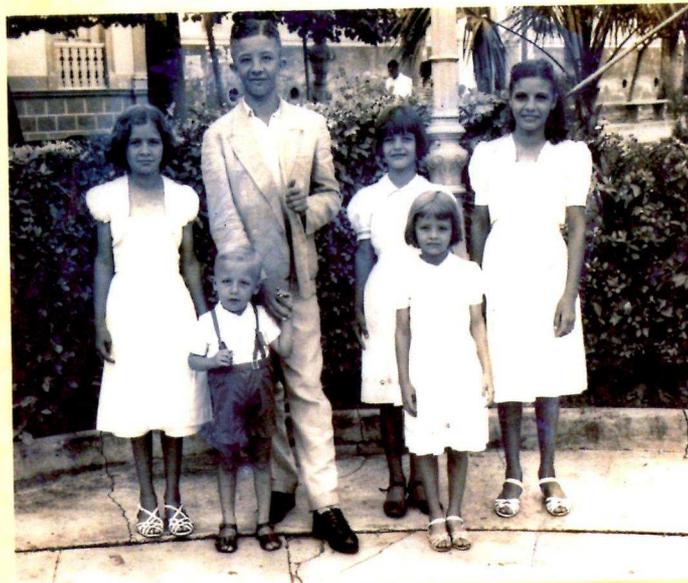
"Música"
1950 - óleo s/ tela
60x50cm



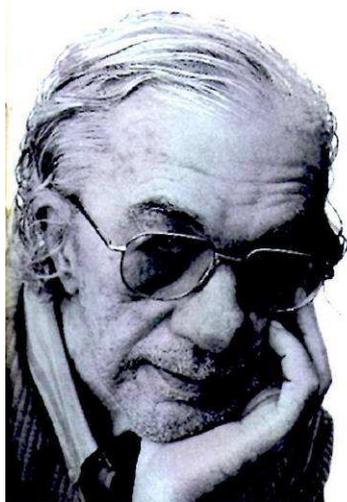
“Lavadeiras do Rio Cuiabá” - 1940 - óleo s/ tela - 80x60cm



Ricardo Guilherme Dicke e família - Cuiabá / MT, 1953



Ricardo Guilherme Dicke e irmãos / Cuiabá - MT, 1949



Ricardo Guilherme Dicke

Chapada dos
Guimarães - MT
1936

Escritor, Pintor e Desenhista. Seu primeiro livro, Caminhos de Sol e Lua, foi escrito em uma fazenda, onde também pintou muitos quadros expostos em Cuiabá (1961). Licenciou-se em Filosofia da Arte, pela UFRJ. Participou do XV Salão de Arte Moderna, no Rio (1966). Estudou pintura e desenho com Frank Schaeffer e Ivan Serpa. Trabalhou como revisor, redator e tradutor; foi repórter e pesquisador do 2º Caderno de O Globo.

De volta a Cuiabá, trabalhou como professor e jornalista e fez diversas exposições de pintura. Escreveu os seguintes livros: Deus de Caim (Edinova, RJ), 4º lugar no Prêmio Walmap (1968); Como o Silêncio, 2º lugar no Prêmio Clube do Livro (SP, 1968); Caieira (Francisco Alves, 1978), Prêmio Remington de Prosa (1977); Madona dos Páramos (Edição Antares, 1981), Prêmio Nacional da Fundação Cultural do Distrito Federal (1979); Último Horizonte (Marco Zero, 1988); A Chave do Abismo (Fundação Cultural de Cuiabá, 1986); Cerimônias do Esquecimento (Ed. UFMT, 1999), Prêmio Orígenes Lessa da UBE (1995); Rio Abaixo dos Vaqueiros e O Salário dos Poetas (Secretaria de Cultura de Mato Grosso, 2001); e Coniunctio Oppositorum (Secretaria de Cultura de Mato Grosso, 2002). Recebeu da UFMT o título de Doutor Honoris Causa (2004). Seu romance O Salário dos Poetas foi adaptado para teatro e apresentado em Lisboa (2005).



“Igreja da Matriz” - 1950 - óleo s/ tela - 50x60cm



"Música" - 1940 - óleo s/ tela - 60x40cm

Coordenador
Gervane de Paula

Produção
Magna Domingos
Marilda Barros

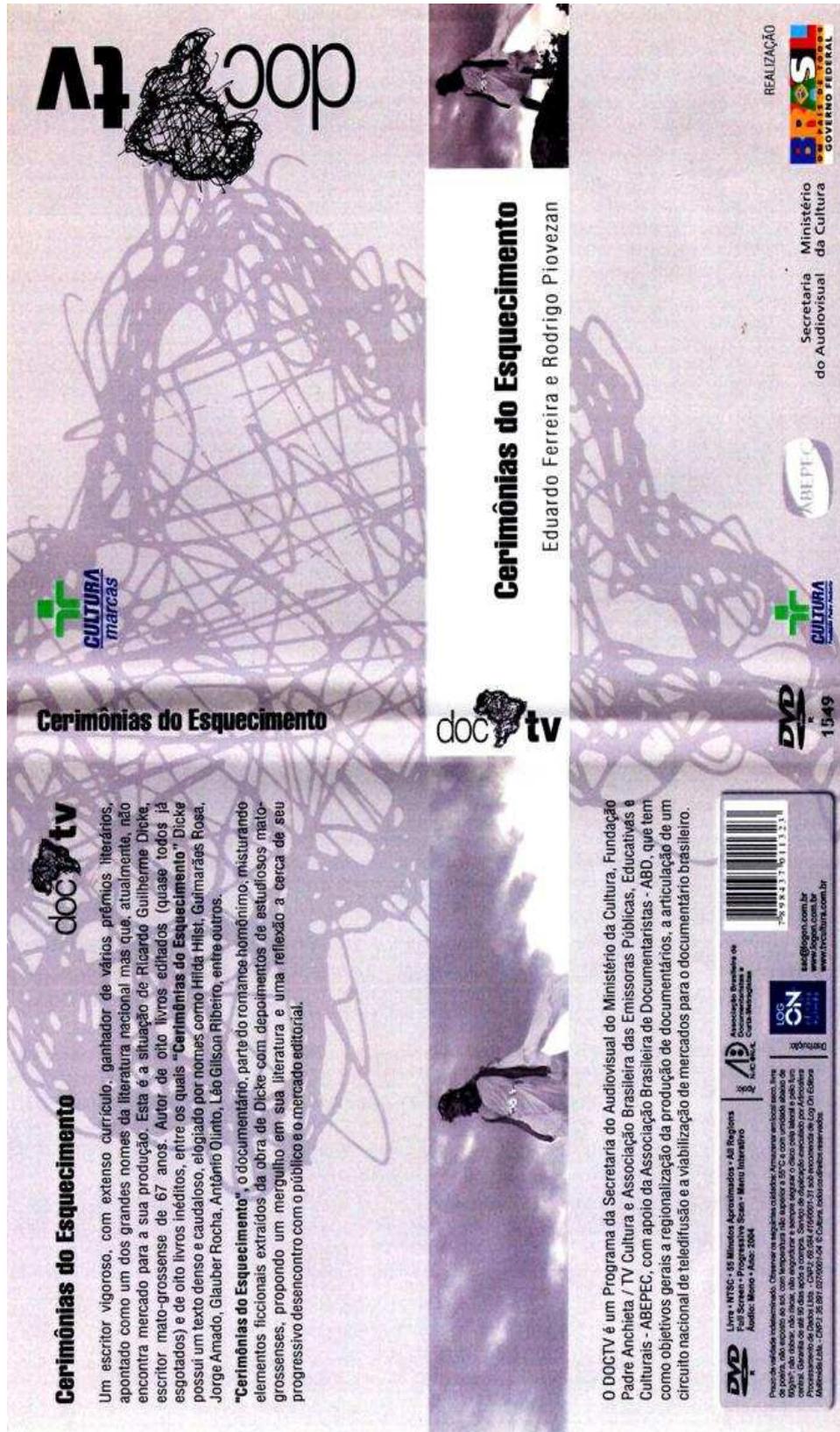
Restauro e Curadoria
Dalva de Barros

Fotografia
José Mauricio

Av. L. F. de Oliveira 3641 1603



ANEXO C – Capa do DVD Cerimônias do Esquecimento produzido por Eduardo Ferreira e Rodrigo Piovezan



Cerimônias do Esquecimento

Um escritor vigoroso, com extenso currículo, ganhador de vários prêmios literários, apontado como um dos grandes nomes da literatura nacional mas que, atualmente, não encontra mercado para a sua produção. Esta é a situação de Ricardo Guilherme Dicke, escritor mato-grossense de 67 anos. Autor de oito livros editados (quase todos já esgotados) e de oito livros inéditos, entre os quais "Cerimônias do Esquecimento" Dicke possui um texto denso e caudaloso, elogiado por nomes como Hilda Hilst, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Glauber Rocha, Antônio Olinio, Léo Gilson Ribeiro, entre outros.

"Cerimônias do Esquecimento", o documentário, parte do romance homônimo, misturando elementos ficcionais extraídos da obra de Dicke com depoimentos de estudiosos mato-grossenses, propondo um mergulho em sua literatura e uma reflexão a cerca de seu progressivo desencontro com o público e o mercado editorial.

Cerimônias do Esquecimento
Eduardo Ferreira e Rodrigo Piovezan

O DOCTV é um Programa da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, Fundação Padre Anchieta / TV Cultura e Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais - ABEPEC, com apoio da Associação Brasileira de Documentaristas - ABD, que tem como objetivos gerais a regionalização da produção de documentários, a articulação de um circuito nacional de teledifusão e a viabilização de mercados para o documentário brasileiro.

DVD Livre • NTSC • 60 Minutos Aproximados • All Regions
Full Screen • Progressive Scan • Menu Interativo
Áudio: Inglês • Jabo: 2004

Preço de varejo recomendado: Obter nos seguintes canais: Armazenar em local seco, livre de poeira, não expor ao sol, com temperatura não superior a 25°C e com umidade relativa do ar entre 40% e 60%. Não tocar diretamente no disco. Evitar o uso de produtos de limpeza em spray. Não utilizar produtos abrasivos para limpeza. Não utilizar produtos de limpeza em spray. Não utilizar produtos de limpeza em spray. Não utilizar produtos de limpeza em spray.

Associação Brasileira de Documentaristas - ABC Doc
Rua: ...
Cidade: ...

Distribuidor:
www.tricultura.com.br

7-5 9 8 4 3 7 0 1 1 3 2 1

www.tricultura.com.br

REALIZAÇÃO

B R A S I L
GOVERNO FEDERAL

Secretaria do Audiovisual
Ministério da Cultura



APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevista virtual concedida pelo jornalista Lorenzo de Jesus Miranda Falcão em 06/07/2011

1 - Como é seu nome, qual sua formação?

Meu nome é Lorenzo de Jesus Miranda Falcão, sou formado em Educação Física e também estudei um pouco de engenharia. Migrei para o jornalismo após convite para atuar em veículos de comunicação no início dos anos 80, quando ainda não havia cursos de comunicação em Cuiabá. Me regularizei na profissão e adquiri muita experiência, trabalhando em diversos órgãos e instituições e nas mais variadas funções, mas sempre me destacando mais no jornalismo cultural. Minha formação advém de um contato diário com as artes, em geral, especialmente com a literatura. Sempre fui um leitor seletivo e isso me deu e ainda me dá um grande lastro para trabalhar com as letras, a palavra e a comunicação.

2 - Com quais atividades culturais o senhor já esteve e está envolvido atualmente?

Tenho livros lançados individualmente e coletivos, em poesia e prosa. Atuo como ator e roteirista em teatro e audiovisual, canto em corais, já fui marchand de artes plásticas, assessor de projetos culturais, produtor e captador de recursos. Possuo ainda experiência no marketing cultural. Atualmente está sendo finalizado um livro de poesias meu. Tenho um blog onde desenvolvo textos e imagens que combinam jornalismo literário com crônicas bem humoradas e me preparo para escrever texto para um livro de fotografias sobre cultura popular e um roteiro para uma peça teatral, além de cantar num coral.

3 - Como foi seu primeiro contato com Dicke-homem?

Logo que comecei no jornalismo, me aproximei do Dicke para fazer uma entrevista e fomos nos tornando cada vez mais amigos. O Dicke escritor e o Dicke homem sempre foram a mesma coisa na minha opinião. Achava-o um grande personagem e fico feliz por tê-lo conhecido e me aproximado dele. Me orgulho de, no ano 2000, ter conseguido reinseri-lo na mídia nacional, quando coordenei o lançamento simultâneo de duas obras dele: O Salário dos Poetas e Rio Abaixo dos Vaqueiros. Com ele eu conversava sobre os mais

transcendentais assuntos literários, mas também abordávamos assuntos corriqueiros, inclusive fofocas, novelas etc. Éramos muito amigos. Ainda somos, acredito (a resposta à pergunta abaixo está aqui mesmo, nesta resposta).

4 - E com o Dicke-escritor?

5 - O que o senhor pode dizer da relação entre Ricardo Guilherme Dicke e a crítica especializada?

Ele não gostava muito de dar entrevistas e não tratava com deferências nenhum jornalista ou crítico literário. Mas sempre reparei um enorme respeito e admiração da parte dessas pessoas para com sua obra. Não presenciei essa época, mas já ouvi ele mesmo reclamar de algumas pessoas que se referiam à sua obra como algo muito similar a de Guimarães Rosa. Sei que isso o incomodava, mas, na minha avaliação, há diferenças entre a obra dos dois escritores.

6 - E sobre o relacionamento dele com os leitores dickeanos, pode nos dizer alguma coisa?

Ele era uma pessoa muito reservada. E nem sempre dava muita atenção, a atenção que as pessoas desejam, mas as vezes era terno e mais compreensivo com alguns leitores que o abordavam de forma mais sensível ou que o 'pegavam' num dia mais tranqüilo.

7 - O senhor participou do documentário Cerimônias do Esquecimento. Como foi representar o alter-ego do escritor?

Já interpretei muitos papéis na minha trajetória como ator. Interpretar Dicke, lógico, foi o papel mais especial que me coube. No filme, contracenei com ele e me senti muito a vontade representando o doppelgänger do meu grande ídolo. Tenho a impressão de que nunca mais esse personagem saiu de mim.

8 - O que o senhor pensa sobre o tratamento que as pesquisas acadêmicas dão ao conjunto da obra do escritor?

Penso que a coisa está indo. A ausência de uma formação acadêmica de minha parte me impede de ter uma visão mais aprofundada de cientificismo em torno de sua complexa obra. E tenho visto mais trabalhos que analisam esta ou aquela obra, mas nada que mergulhe de cabeça no conjunto de seus escritos, o que seria muito rico e interessante. Reparo alguma distinção entre seus três primeiros livros (Deus de Caim, Caieira e Madona dos Páramos), que são de uma fase mais antiga, eu diria até os anos 80, comparados com a produção mais recente, onde as viagens metafísicas são intensificadas. Na sua primeira fase também havia essa pegada filosófica, mas as narrativas traziam muita ação e sugeriam um texto quase que cinematográfico, embora isso ainda esteja presente também em seus livros mais recentes.

9 - O senhor conhece o acervo de quadros produzidos pelo escritor? Atualmente, como está a situação dos quadros?

Conheço esse acervo e ajudei a organizar uma exposição desse material, acho que foi em 2006 ou 2007. Tenho um de seus quadros, lindo, na parede de casa. Lembro-me de ter feito até o texto de apresentação do catálogo da exposição, onde cheguei a analisar e comparar sua plástica com sua literatura, mas tudo de forma muito mais intuitiva. Essa exposição não vendeu quase nada, apesar da qualidade inquestionável de seu talento também como artista plástico. Os quadros estão guardados na casa da viúva do escritor, Adélia Dicke.

10 - Para finalizar, Ricardo Guilherme Dicke por Lorenzo Falcão...

Um grande amigo, escritor raro. Um autor clássico da literatura universal, cuja obra ainda precisa ser mais estudada e reconhecida. Particularmente, para mim, foi uma pessoa que me ajudou muito a entender melhor o mundo, pelo viés das artes, da filosofia, da cultura.

APÊNDICE B – Entrevista virtual concedida pelo professor Doutor Francisco José de Jesus Topa em 29/06/2011

1 - Qual seu nome completo, sua formação e sua área de atuação atualmente?

O meu nome completo é Francisco José de Jesus Topa. Sou licenciado em Estudos Portugueses pela Faculdade de Letras da Universidade da Universidade do Porto (1989) e doutor em Literatura pela mesma Faculdade (2000). Sou atualmente Professor Associado, lecionando nas áreas de Literatura e Cultura Brasileiras, Crítica Textual, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Literaturas Orais e Marginais. A minha investigação tem estado dirigida sobretudo para a literatura portuguesa e brasileira dos séculos XVII e XVIII, para a literatura africana de língua portuguesa (em particular as de Angola e Cabo Verde) e para algumas áreas da literatura oral e marginal.

2 - O senhor pesquisa Gregório de Matos um autor brasileiro, inclusive já publicou no Brasil o livro *O Mapa do Labirinto: Inventário testemunhal da poesia atribuída a Gregório de Matos*, portanto conhece o universo literário brasileiro. Como o senhor vê a produção literária brasileira atualmente?

Não consigo, evidentemente (como aliás nenhum brasileiro conseguirá), acompanhar completamente a produção literária do Brasil, que é imensa em todas as áreas. Procuo contudo manter-me razoavelmente informado e, com base nisso, julgo poder dizer que a literatura brasileira está cada vez melhor, como aliás a sua afirmação progressiva no plano internacional – ao nível das traduções e ao nível do ensino em universidades estrangeiras – vem confirmando. Autores mais velhos como Ferreira Gullar, Manoel de Barros, Adélia Prado, Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles, Luis Fernando Veríssimo ou Alfredo Bosi teriam lugar no cânone de qualquer país e estão bem acompanhados por nomes mais jovens como Eucanãa Ferraz, Bernardo Carvalho, Milton Hatoum ou Cristóvão Tezza, mostrando que a literatura brasileira é muito forte em todos os géneros. Fora do eixo Rio-São Paulo, que tende a ser confundido com o todo, há ainda uma série de regiões, como o Rio Grande do Sul, a Bahia, Mato Grosso ou Pernambuco, com ótimos autores.

3 - Como foi o seu primeiro contato com o texto de Ricardo Guilherme Dicke?

Foi um pouco casual o meu primeiro contacto com a obra de Dicke, resultando de uma notícia de jornal sobre a representação de *O Salário dos Poetas* por um grupo de teatro português, O Bando, de Palmela, nos arredores de Lisboa. Foi em 2005 e, embora eu não tenha podido ver o espetáculo, fiquei com curiosidade e, através da *internet*, consegui encomendar algumas das obras de Dicke, percebendo de imediato que estava perante um grande escritor, apesar de pouco conhecido no próprio Brasil.

4 - Como foi seu primeiro contato com Mônica Elisabeth Zanol de Matos, sua orientanda brasileira?

A Mônica foi minha aluna de mestrado, numa disciplina intitulada Literatura Brasileira dos séculos XVII e XVIII, em que estudámos Eusébio de Matos, Botelho de Oliveira e Santa Rita Durão. Entendemo-nos bem e ela pediu-me que orientasse a sua dissertação e lhe sugerisse um tema.

5 - E a idéia de pesquisar Dicke? Como surgiu?

Como a Mônica é matogrossense e, com a exceção de Manoel de Barros, a literatura desse estado é quase totalmente desconhecida em Portugal, eu sugeri-lhe que trabalhasse sobre um autor da região, perguntando-se se conhecia Ricardo Guilherme Dicke. Ela disse que não, mas foi informar-se. Leu alguns dos romances, gostou e aceitou a proposta.

6 - Em contato que mantivemos anteriormente o senhor afirmou que a tese de Mônica Elisabeth Zanol de Matos (*Lição de Síntese: uma leitura de Toada do Esquecido de Ricardo Guilherme Dicke*) será publicada? Já há uma data prevista para lançamento do livro?

Creio que ainda não há data prevista, mas certamente será neste ano de 2011.

7 - O senhor sabe que Ricardo Guilherme Dicke foi comparado a João Guimarães Rosa. Qual sua opinião sobre essa comparação?

Qualquer um de nós tende a julgar por comparação. Lemos um poeta ou um ficcionista, vemos um filme ou um quadro, olhamos para uma obra de

arquitetura, e de imediato, consciente ou inconscientemente, estabelecemos aproximações, nem sempre fáceis de justificar e nem sempre justas. A crítica fá-lo também, mas deveria proceder com outro rigor. Neste caso concreto, creio que a comparação – parecendo elogiosa e prestigiante – acabou por ser contraproducente e injusta com Dicke. Quem vai ler Dicke à espera de encontrar Guimarães Rosa sairá talvez dececionado; não porque aquele seja a inferior a este, mas porque havendo temas e motivos comuns, a orientação é muito outra. Dicke é menos contido que Guimarães Rosa, não leva tão longe o trabalho com a língua, mas em contrapartida é porventura mais universal, mesmo estando a sua obra firmemente ancorada numa realidade local. Isso deve-se à capacidade de Dicke para entrever, num plano mais abstrato e atemporal, a ligação mítica entre tudo. Que o próprio Dicke não terá gostado muito da comparação parece prová-lo o facto de, em *Toada do Esquecido*, o protagonista queimar as obras de “J.G.R.”...

8 - O senhor pode falar sobre como o público de Portugal recebeu os textos de Dicke no teatro (*O salário dos poetas*)?

Não tenho informação muito detalhada, mas creio que a repercussão terá sido pequena. A peça esteve em cena menos de dois meses, fora de Lisboa (embora Palmela não fique longe da capital) e o autor era inteiramente desconhecido no nosso país. A crítica especializada foi elogiosa, mas não mais que isso.

9 - O senhor sabe se Portugal já conhece o Ricardo Guilherme Dicke pintor?

Tanto quanto julgo saber, não.

10 - Para finalizar, Ricardo Guilherme Dicke por Francisco Topa...

É um autor que recomendo vivamente. Tomara que, no Brasil e em Portugal, apareça rapidamente uma editora que republique – em boas condições – a totalidade da sua obra e os inéditos que certamente terá deixado. Se não houver grande interesse comercial, a edição eletrónica poderia ser uma boa solução e de baixo custo. Quando isso acontecer, não tenho dúvidas de que Dicke alcançará a consagração que não chegou a obter em vida. É certo que a leitura da sua obra dá trabalho e que os leitores são hoje

mais 'preguiçosos'; não se trata, de facto, de um autor que se possa ler na praia ou num café. Mas vale a pena: sai-se de cada um dos seus livros mais enriquecido, mais maduro, melhor. Da minha parte, de forma muito modesta evidentemente, continuarei a dá-lo a ler aos meus alunos.

APÊNDICE C - Quadro Sinótico dos romances publicados por Ricardo Guilherme Dicke

Título	Ano de publicação	Gênero
<i>Deus de Caim</i>	1968	romance
<i>Como o silêncio</i>	1968	romance
<i>Caieira</i>	1978	romance
<i>Madona dos Páramos</i>	1982	romance
<i>Último horizonte</i>	1988	romance
<i>A chave do abismo</i>	1989	poemas
<i>Cerimônias do esquecimento</i>	1995	romance
<i>Conjunctio Oppositorum no Grande Sertão</i>	1999	Dissertação de mestrado
<i>Rio abaixo dos vaqueiros</i>	2000	romance
<i>Cerimônias do sertão</i>	2011	romance
<i>Os Semelhantes</i>	2011	novela
<i>A proximidade do mar e a Ilha</i>	2011	contos
<i>O Velho Moço e outros contos</i>	2011	contos

APÊNDICE D - Quadro Sinótico das Teses, Dissertações e Artigos (em capítulos de livros) e Capítulo de livros, a respeito dos livros de Ricardo Guilherme Dicke

Autores	Títulos: teses /dissertações/ capítulos de livros	Grau	Ano	Entidade
Gilvone Furtado de Miguel	<i>O entre-lugar de oposições do sertão: um estudo do romance Madona de Páramos</i>	Mestrado	2001	UFG
Hilda Gomes Dutra Magalhães	<i>Ricardo Guilherme Dicke: metalinguagem e mito</i>	Artigo	2001	UFMT
Hilda Gomes Dutra Magalhães	<i>Sob o signo do absurdo</i>	Capítulo	2002	UFMT
Hilda Gomes Dutra Magalhães	<i>Ricardo Guilherme Dicke: nas garras do poder</i>	Capítulo	2002	UFMT
Gilvone Furtado de Miguel	<i>A mitopoética em Madona dos Páramos: entre o local e o universal</i>	Artigo	2005	UFG
Juliano Moreira Kersul de Carvalho	<i>Do sertão ao litoral: A trajetória do escritor Ricardo Guilherme Dicke e a publicação do livro Deus de Caim na década de 60</i>	Mestrado	2005	UFMT
Everton Almeida Barbosa	<i>A transculturação na narrativa de Ricardo Guilherme Dicke</i>	Mestrado	2006	UFMT

Wanda Cecília Correia de Mello	<i>De autores e autoria: um recorte acerca da construção do campo literário em Mato Grosso</i>	Mestrado	2006	UFMT
Gilvone Furtado de Miguel	<i>O imaginário mato-grossense nos romances de Ricardo Guilherme Dicke</i>	Doutorado	2007	UFG
Mário Cezar Leite	<i>Dos labirintos e das águas: entre os barros e dickes</i>	Artigo	2009	UFMT
Gilvone Furtado Miguel	<i>Mito e Ficção: A imagem do paraíso nos romances de Ricardo Guilherme Dicke</i>	Artigo	2009	UFG
Everton Almeida Barbosa	<i>Dicke: o autor do esquecimento e o esquecimento do autor</i>	Artigo	2009	UFMT
Madalena Aparecida Machado	<i>Cerimônias do esquecimento, dialéticas em profusão</i>	Artigo	2009	UNEMAT
Vera Maquêa	<i>Literatura e poder em Ricardo Guilherme Dicke</i>	Artigo	2009	UNEMAT
Lorenzo de Jesus Miranda Falcão	<i>Dicke, Nequinho e eu</i>	Artigo	2009	Diário de Cuiabá
Mônica Elizabeth Zanol	<i>Lição de Síntese: uma leitura de "Toada Do Esquecido"</i>	Mestrado	2010	UP

APÊNDICE E – Lista de endereços eletrônicos que mencionam Ricardo Guilherme Dicke

- 1 - <http://blog.revistabula.com/2008/07/11/ricardo-guilherme-dicke-prisioneiro-de-um-ostracismo-cruel/>
- 2 - <http://www.overmundo.com.br/overblog/mato-grosso-em-terras-lusitanas>
- 3 - http://www.al.mt.gov.br/V2008/ViewConteudo.asp?no_codigo=7496
- 4 - <http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,morre-escritor-mato-grossense-ricardo-guilherme-dicke,203273,0.htm>
- 5 - <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u420789.shtml>
- 6 - <http://joaobosquo.blog.br/?tag=ricardo-guilherme-dicke>
- 7 - <http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=146>
- 8 - <http://www.ufmt.br/institucional/reitoria/palavradoreitor/141220041.htm>
- 9 - <http://www.webartigos.com/articles/48695/1/RICARDO-GUILHERME-DICKE-SUA-LITERATURA-E-O-COMPROMISSO-COM-SEU-TEMPO/pagina1.html>
- 10 - <http://www.24horasnews.com.br/index.php?mat=188741>
- 11 - http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/mato_grosso/ricardo_guilherme_dicke.html
- 12 - <http://singrandohorizontes.wordpress.com/2008/07/13/ricardo-guilherme-dicke-1936-2008/>
- 13 - <http://revistapausa.blogspot.com/2010/08/lancamento-de-deus-de-caim-de-ricardo.html>
- 14 - http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-160045718-livro-caieira-ricardo-guilherme-dicke-_JM
- 15 - http://www.ufmt.br/servicos/evento/even_instituto_linguagens_260907.htm
- 16 - <http://www.agoravale.com.br/agoravale/noticias.asp?id=25749&cod=1>
- 17 - <http://www.overmundo.com.br/agenda/deus-de-caim-e-toada-do-esquecido>
- 18 - http://melker.multiply.com/journal/item/67?&show_interstitial=1&u=%2Fjournal%2Fitem
- 19 - <http://rmtonline.globo.com/noticias.asp?em=2&p=2&n=397932>
- 20 - <http://www.sonoticias.com.br/noticias/1/71302/morre-um-dos-principais-escritores-de-mato-grosso-ricardo-guilherme-dicke>
- 21 - <http://joaobosquo.blog.br/?p=1141>
- 22 - <http://deborah-literatura.blogspot.com/2008/06/guilherme-dicke.html>
- 23 - <http://pt.shvoong.com/tags/Conto+%22PENS%C3%83O%22,+DE+RICARDO+GUILHERME+DICKE/>
- 24 - <http://www.letraselvagem.com.br/>
- 25 - <http://www.livrariacultura.com.br/scripts/cultura/resenha/resenha.asp?nitem=22054460&sid=87724010412213487743748718&k5=909FFA4&uid=>
- 26 - <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/299.pdf>
- 27 - http://www.travessa.com.br/MADONA_DOS_PARAMOS/artigo/7485ef9b-4119-4c9f-a8a0-746952362296
- 28 - <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=321270>
- 29 - <http://joaobosquo.blog.br/?p=1140>

- 30 - <http://www.facebook.com/pages/Ricardo-Guilherme-Dicke/144629165586338>
- 31 - http://pensador.uol.com.br/vida_ricardo_guilherme_dick/
- 32 - <http://paginadoenock.com.br/home/post/6991>
- 33 - http://www.diariodepernambuco.com.br/2010/03/13/viver3_0.asp
- 34 - <http://www.matogrossoeseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=44&cid=12969>
- 35 - <http://deborah-literatura.blogspot.com/2008/07/arte-de-guilherme-ricardo-dicke.html>
- 36 - http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/getrec?id=PT.FCG.RCL.BIB.3702.01&_template=reviewedRecord
- 37 - <http://www.varzeagrande.mt.gov.br/materias.php?cod=4941>
- 38 - <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=1428&sid=373&tpl=printerview>
- 39 - <http://www.yasni.com/ricardo+guilherme/check+people/journal>
- 40 - <http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=25&lista=0&subsecao=0&ordem=3483&sem limite=todos>
- 41 - <http://oglobo.globo.com/blogs/literatura/posts/2010/04/23/o-dia-em-que-apaguei-ricardo-dicke-286058.asp>
- 42 - http://openlibrary.org/books/OL3608493M/Rio_abaixo_dos_vaqueiros
- 43 - <http://deborahb.blog.terra.com.br/2008/07/>
- 44 - <http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=177>
- 45 - <http://www2.unemat.br/literaturamt/revista-ale/docs/primeiro/Arepresentacaodohomem.pdf>
- 46 - <http://pt-br.wordpress.com/tag/ricardo-guilherme-dicke/>
- 47 - <http://catracalivre.folha.uol.com.br/2010/08/casa-das-rosas-faz- hoje-relancamento-de-%E2%80%9Cdeus-de-caim%E2%80%9D/>
- 48 - http://www.eparaguacu.sp.gov.br/noticias_listar.asp?cod_not=358
- 49 - http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:ajN8nMZ-0koJ:blog1.educacional.com.br/abrirArquivo.asp%3FFile%3D//192.168.100.10/site/Com/upload/dados/materialapoio/60080001/3087871/LITERATURA%2520MATO-GROSSENSE.ppt%26Name%3DLITERATURA%2520MATO-GROSSENSE.ppt%26Size%3D3272704+ricardo+guilherme+dicke&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESgZqSrVcMtqQNCs0ThCTdJ_DtyGE9sFmd0wbUwmKjEbaWQ0_ink8Hzoy6QY6kkXMF1wmqyuTemJiPLSWd5_FcKhzvNdJJU UZ2-klgDzrS0cOqOk9CKnR3G03ozf7sQhdysxjXL7&sig=AHIEtbQsD1JI0-kdRF98YfygzZ2piGI-yw
- 50 - http://www.itaucultural.org.br/rumos2007/pdf_jornalismo/Aylton%20Segura.pdf
- 51 - <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=265369>
- 52 - <http://editora-carlini-caniato.blogspot.com/2008/10/madona-de-um-grande-escriptor.html>
- 53 - http://www.ufmt.br/servicos/evento/even_instituto_linguagens_260907.htm
- 54 - <http://www.livrariaresposta.com.br/v2/produto.php?id=11284&origem=1>

- 55 - http://emprosaeverso.multiply.com/market/item/2?&show_interstitial=1&u=%2Fmarket%2Fitem
- 56 - http://carlosalbertoportodelima.zip.net/arch2008-07-06_2008-07-12.html
- 57 - <http://www.maurosavi.com.br/noticias.php?id=164>
- 58 - http://www.vivaleitura.com.br/calendario_detalhe.asp?id_projeto=621
- 59 - <http://www.tanarede.net/N1754>
- 60 - <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/324.pdf>
- 61 - http://blog.estadao.com.br/blog/index.php?blog=17&title=dicke_ao_dickens&more=1&c=1&tb=1&pb=1
- 62 - <http://www.artigonal.com/ficcao-artigos/vozes-cruzadas-vestigios-do-passado-2879277.html>
- 63 - <http://deborah-literatura.blogspot.com/2008/07/guilherme-dicke-destaque-na-imprensa.html>
- 64 - <http://www.senado.gov.br/publicacoes/diarios/pdf/sf/2001/11/27112001/29684.pdf>
- 65 - <http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=169>
- 66 - <http://www.openbusiness.cc/2007/05/12/a-fabrika-santa-casa-da-criacao/>
- 67 - <http://emprosaeverso.multiply.com/journal/item/2/2>
- 68 - <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?edt=27&id=112425>
- 69 - <http://joaobosquo.blog.br/?tag=romancistas>
- 70 - <http://www.overmundo.com.br/banco/o-aluno-poeta-edu-e-o-mestre-profeta-dicke>
- 71 - <http://www.jornaldoeste.com.br/cultura/noticias/6966/?noticia=ricardo-guilherme-dicke-ganha-edicao-postuma-de-quatro-obras>
- 72 - http://www.al.mt.gov.br/v2008/ViewConteudo.asp?no_codigo=20091
- 73 - <http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/a-ressurreicao-de-um-grande-escriptor>
- 74 - http://www.sigila.msh-paris.fr/noms_caches.htm
- 75 - <http://rdnews.com.br/blog/post/aos-72-anos-morre-o-escriptor-guilherme-dicke>
- 76 - <http://www.cathedral.edu.br/editora/publicacoes/>
- 77 - <http://rmtonline.globo.com/noticias.asp?em=2&p=2&n=397689>
- 78 - http://sigarra.up.pt/flup/disciplinas_GERAL.FormView?P_ANO_LECTIVO=2010/2011&P_CAD_CODIGO=EPL003&P_PERIODO=1S
- 79 - <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=377121>
- 80 - http://www.digestivocultural.com/comentarios/default.asp?codigo=6869&titulo=Grande_Sertao_no_Mato_Grosso
- 81 - <http://www.bienalmt.com.br/cgi-sys/suspendedpage.cgi>
- 82 - http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/mato_grosso/ricardo_guilherme_dicke.html
- 83 - <http://factoide.com.br/tag/z-ricardo-guilherme-dicke/>
- 84 - <http://ramonbarbosafranco.blogspot.com/2011/06/os-semelhantes-de-ricardo-guilherme.html>